PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

ANO 3
JANEIRO/2021
EDIÇÃO Nº 22

Eduardo Mahon
Editor Geral

EDITORIAL

Velhas ideias são como organismos vivos. Em geral, vivem adormecidas na mente, parasitando com parcimônia a energia que circula na cachola. Porém, quando a imunidade cai, elas despertam com força e contaminam o corpo do hospedeiro e, se bobear, de milhares de vítimas. A ideia de "civilização" é um dessas seculares tênias que se pregaram no imaginário de muita gente. Quando menos se espera, a brotoeja do preconceito coça sem parar, levando os intelectuais a formular de diferentes formas os antigos preconceitos sobre a cultura popular. O mais grave sintoma dessa doença está no comprometimento identitário. O brasileiro sente-se exilado no próprio país porque almeja que aqui se torne outro lugar. Sonha fugir. Como não pode, luta para transformar sua realidade local, mimetizando padrões estrangeiros.

Essa espécie de transferência cerebral não é nada nova. Sentir-se estrangeiro no próprio território foi um diagnóstico de vários intelectuais do passado, muito embora eles mesmos tenham sucumbido à coceira civilizatória que pretendia vencer o caráter rebelde desorganizado, lasso e festivo que seria o Brasil profundo. Contaminado até a pituca com os salamaleques da *Belle Époque* alheia, o intelectual faz biquinho para falar uma outra língua. Pior que isso: quer pensar em outro idioma. Não é incomum organizarem saraus com direito a piano francês, operetas italianas e declamações de Whitman. No original, é claro. Para termos uma boa radiografia de quem é quem nesse universo de escaramuças, basta radiografar as preferências. Poderemos fazer uma cartografia do gosto.

Na biblioteca, o lugar de destaque é sempre para os clássicos românticos, enquanto os aparelhos de áudio tocam ininterruptas sonatas nostálgicas. Onde vive essa gente? Em que passado? De que lugar? Pior que isso: o que fariam eles se chegassem ao poder? A única certeza que temos é que odeiam o popular. Por certo que também odeiam o povo Onde houver uma aglomeração, não haverá refinamento. Parece que estamos vivendo no tempo de Gobineau. Buffon não deixa por menos. Eles assombram muitos casarões coloniais. Quanto equívoco! Estamos vivendo no século seguinte. No milênio seguinte. No entanto, as ideias de civilização, superioridade, refinamento cultural ainda estão grudadas ao casco vazio do preconceito com poderosas ventosas etnocêntricas.

Antes que nos acusem de tacanhos, nacionalistas, promotores da tão antiga patriotada intelectual, deixamos claro que não queremos reivindicar o "genuíno espírito brasileiro" que, aliás, não existe. Não temos mais paciência para as velhas aulas de OSPB doutrinário em matéria de cultura, façam-nos o favor! Também não seremos nós a reprisar movimentos que engendraram xenofobia recalcada. Aliás, somos partidários da geleia geral. A nossa questão é se opor a uma visão qualitativa de cultura. Isso sim é o suprassumo do atraso mental. Essa é a solitária que engorda no organismo intelectual brasileiro, doença que Nelson Rodrigues apelidou de "síndrome de vira-lata". A ideia de civilizar um povo, por meio do suposto levantamento cultural, é o pior complexo que podemos agasalhar entre os pensadores brasileiros. Mas que espécie de discurso é esse? Esse papo já tá qualquer coisa, diria Caetano.

Já passou da hora de entendermos que qualquer tradição não passa de ficção construída por determinados grupos de interesses. Se é assim, tomamos consciência de que nossa identidade é uma opção e não um fatalismo racial, geográfico, sexual, religioso ou moral. Consciente ou inconscientemente, os intelectuais optam. São as opções que revelam os escritores por inteiro – apenas para falar de literatura. Que narrativa, que narrador, que local, que tempo, que tema? A quem é dado o protagonismo? Quem fala? Quem cala? Quem domina a narrativa? O intelectual revela-se por inteiro através dos personagens, mesmo que se esconda atrás deles. Tudo é resultado de uma opção. Opta-se em negar a realidade e o presente para cultuar a velha erudição de gabinete, do discurso grandiloquente e enciclopédico e, como não poderia deixar de ser, do chá com bolinhos de chuva. Infelizmente, algumas ideias sobrevivem aos ideólogos. São ecos do passado que reencarnam em vozes do presente. Nós da Pixé sonhamos com o devir.

SUMÁRIO

2 Editorial
6 Olga Maria Castrillon-Mendes
8 Adilson Vagner de Oliveira
12 Adriano B. Spíndola Santos
14 Antônio Sodré
16 Aparecido Carmo
18 Bruna Marcelo Freitas
20 Caio Augusto Leite
22 César Veneziani
24 Clark Mangabeira
26 Cristina Campos
28 Dante Gatto
30 Divanize Carbonieri
32 Edir Pina de Barros
34 Eduardo Mahon
36 Icleia Rodrigues de Lima
40 Janet Zimmermann
44 **Tatiana Brodatch**
46 João Bosquo
48 Klaus Henrique Santos
50 LJorge
52 Lorenzo Falcão
54 Luciene Carvalho
56 Lucinda Nogueira Persona
58 Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida
60 Marcelo Labes
62 Marli Walker
64 Marta Cocco
66 Nathalia Campos
70 Odair de Morais
72 Paulo Sesar Pimentel
76 Raquel Naveira
78 Stefanie Sande
80 Thiago Costa
82 Anna Maria Ribeiro Costa

EXPEDIENTE

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon
Artista Visual Convidada: Tatiana Brodatch
Colaboradoras desta edição: Olga Maria Castrillon-Mendes, Adilson Vagner de Oliveira, Adriano B. Spíndola Santos, Antônio Sodré, Aparecido Carmo, Bruna Marcelo Freitas, Caio Augusto Leite, César Veneziani, Clark Mangabeira, Cristina Campos, Dante Gatto, Divanize Carbonieri, Edir Pina de Barros, Eduardo Mahon, Icleia Rodrigues de Lima, Janet Zimmermann, João Bosquo, Klaus Henrique Santos, LJorge, Lorenzo Falcão, Luciene Carvalho, Lucinda Nogueira Persona, Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida, Marcelo Labes, Marli Walker, Marta Cocco, Nathalia Campos, Odair de Morais, Paulo Sesar Pimentel, Raquel Naveira, Stefanie Sande, Thiago Costa, Anna Maria Ribeiro Costa
Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba

NUM PESCAR DE OLHOS

Olga Maria Castrillon-Mendes
É professora do Curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT, dos Programas de Mestrado Profissional em Linguagem/PROFLETRAS e Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários/PPGEL/UNEMAT. É Sócia Efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres e da Academia Mato-Grossense de Letras; Líder do Grupo de Pesquisa "Questões históricas e compreensão da literatura brasileira" (CNPq/UNEMAT/2002). Integra os Grupos: RG Dicke de Estudos em Cultura e Literatura de Mato Grosso (CNPq/UFMT). É autora de Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso (Cuiabá: EdUFMT, 2013) e Discurso de constituição da fronteira (www.unemat.br/publicações/e-book, 2017), além de artigos em periódicos e coletâneas nacionais e internacionais.

PATINANDO SOBRE GELO FINO

Diante da fragilidade e transitoriedade do contemporâneo, Zigmunt Bauman tem a expressão que soa artística, mas cruelmente. Ao patinar em gelo fino o que evita a queda/afogamento é a velocidade. A velocidade ganhou estatuto de valor de sobrevivência. Mas, o que pode a reflexão perante a velocidade? Para uns, afasta os pensamentos a serem maturados; para outros, é condição essencial. Muitos produzem no caos, impensável em muitos casos. O que dizer, então, do pensamento que demanda pausa e descanso, exame dos fatos e tranquilidade (ou imprudência) de tê-los alcançado? Ao lado do pensar, é preciso problematizar. E como chegar à elaboração de um problema, se não se aprendeu a pensar sobre as questões oriundas desses mesmos problemas?

Sem refutar as ideias de Bauman, de extremo valor conceitual para se compreender o contemporâneo, fico com a impressão da necessidade de cadenciar o tempo, mesmo que na contramão da fluidez. Ambas as configurações coexistem como os lados de uma mesma moeda. Crianças se expõem a variados focos de informação: o celular, o som, a imagem, as aulas virtuais. Mudam de canal em segundos e dão conta (ou não) das tarefas, mesmo que estas estejam retomando o automatismo do livro didático. Parece estarrecedor a evidencia de certo retrocesso. Enquanto essas crianças patinam sobre o gelo fino, há os que ficam no desafio da pedagogia, do conhecimento para imediata utilização (e consequente eliminação) como os que são produzidos pelos programas de software, considerados mais palatáveis e atraentes. Certamente, as imagens geradas pela máquina mantém por mais tempo a atenção, mas nem por isso asseguram a autoinstrução. O resultado é o descompasso entre as gerações e os consequentes conflitos nas relações de aprendizagem. Muitos pais estão exaustos, saudosos do que sempre combateram: "A escola não ensina, mas eu também não dei conta". Na falta de respostas no próprio tempo, patinar sobre o gelo fino é fatal para as fragilidades diante da "nova" realidade porosa, mas que pode ser tomada como inexorável destino.

Entre o anterior fenômeno da solidez histórica e a "modernidade líquida" de produção fugaz e maleável, as dificuldades têm sido enormes para conciliar o universo do conhecimento. Para dar conta do fenômeno social é preciso repensar os dogmas que soavam como promessa de coragem para enfrentamento do mundo, mas que soam estranhos para as crianças e os jovens de hoje.

ENTRE O MUNDO E O CORPO NEGRO

A relação entre o mundo e o corpo negro
marcou-se pelo legado da violência estrangeira,
acreditaram na realidade da raça, filha do racismo,
negaram o direito ao governo do próprio corpo.

A polícia parece munir-se da autoridade para destruí-lo,
a destruição tornou-se apenas mais uma forma de dominação,
materializada nos enquadros, revistas, espancamentos e detenção.
Tudo muito comum para as pessoas negras e coisa também antiga

O racismo é a uma experiência visceral do corpo negro,
pode-se romper os miolos, bloquear a respiração à força,
quebrar seus ossos e dentes, rasgar os músculos a ferro,
Em caso de dúvida, cobrir o corpo negro de tiros perdidos,
sempre que acharem conveniente à uma pseudoprudência.

Como se vive dentro de um corpo negro?
A pergunta é a resposta em si mesma
Pode-se viver livre dentro do corpo negro?
A ameaça da violência a todo instante
fratura qualquer concepção de liberdade

Um corpo negro na madrugada torna-se alvo.
Um corpo negro na calçada torna-se suspeito.
A mãe negra dorme com medo do chamado,
O custo dessa morte soa ser de menor impacto,
como é fácil para o negro perder seu corpo em diálogo

Corpos inferiorizados de justiça e de autogoverno,
uma guerra eterna pela posse nula da própria carne.
As dores de partos renegadas pelos anestesistas,
A luta para seu ouvido primeiro e não machucado.

O amor humano é de fato um ato entre heróis,
não há nada heroico no ódio violento do mundo.
A destruição dos corpos negros insulta a humanidade,
mas segue uma aceitação da vontade democrática.

A relação entre o corpo negro e esse mundo
baseia-se na descorporificação assassina

Adilson Vagner de Oliveira
É professor na área de Linguagens do Instituto Federal de Mato Grosso, Campus Avançado Tangará da Serra, fez mestrado em Estudos Literários pela UNEMAT e doutorado em Ciência Política pela UFPE

UMA SENTENÇA DE COR

Vi brioso o movimento fácil do corpo preto
Um infante de pele brilhante e sorriso crespo
Motivei o deslize dos braços em compasso batido
Pernas de molejo elíptico se libertaram cedo
Incentivei a ancestralidade construída na cor

Um pirralho ágil de lindeza escura
A dança ordenada do ventre humilhava a moldura
O gesto de mãos em infinito vento hábil de miúdo
A rigidez do cabelo se rendia ao toque do som noturno
Encorajei a desenvoltura da corrida infantil em cambada

Quando deixou de correr como um pretinho contente
E tornou-se um perigo coletivo iminente?
Em que idade se desligou da proteção doméstica?
Não percebi sua conversão de corpo preto
O batismo branco de potencial delinquente

Na rua, correr virou risco de etiqueta marginal
O tamanho do cabelo nutriu a bruta revista policial
Silenciar os braços fez surgir sua única defesa
A translação das mãos só para cima da cabeça
Avisa em avanço o rumo do gesto manual

Portar sempre o documento da existência arriscada
Jamais saltar o muro noturno da própria morada
Quando deixou de ser o moleque inocente?
Ensinei a parar o movimento do corpo em perigo
Recomendei o aceite imune da violência da farda

O lábio grosso virou vestígio de crime urbano
O peito preto passou a ameaçar a paz da arma
A noite tornou-se tortura de vigília materna
O peso de um joelho sobre o pescoço plano
Ninguém mais pôde respirar o ar do engano

PRAXES RUDIMENTARES

Sim, eu não devia ter tirado os pés de casa. Havia, talvez, dois meses que a cidade não chorava. Chorou, e muito, nessa segunda-feira. Seria uma espécie de presságio? Ainda que não acredite em coisíssima nenhuma, estou envolvido, contra a minha vontade, em superstições ancestrais, súplicas de vó, lamentos de mãe, e uma série de manhas para escapar do pior. Dia sim, dia não, me vejo pegado nessas circunstâncias. Quando menos espero, como hoje, estou me benzendo dos pés à cabeça. E adiantou? Quem sabe. E esse "quem sabe" alimenta o apuro por novas feitiçarias. Fato é que saí atoleimado, com pressa, bagunçado de um domingo escasso, catando os restos pela sala. Fui ao trabalho sem me ater às disposições de boa aparência. Não me preocupo com isso. Mas, dessa vez, não me sobreveio lucidez – eu acho – e meti uma blusa cáqui, uma calça quase do mesmo tom, um sapato preto e meias extravagantes, diria, com desenhos de banana – bem apropriadas para o lugar. Pode ser que um desavisado, no meio do caminho, tenha pensado que se tratava de um estilista, um modernista qualquer. Não. Eu estava indo ao escritório; uma firma tradicional, de pessoas que mantinham uma aparência reta, com o ardor de um guarda-chuva, nada mais. Nem bem aportei no lugar, deparei-me com a imagem bárbara de Luciana, um tanto assustada ao me encontrar. Mas por quê? Ficou estatelada na porta, como um zumbi, até que dei uma batidinha em seu ombro, ou seja, um mero socorro para lhe tirar da catatonia. Ela se fez de desentendida, virou a cara, e largou, entredentes, um bom-dia seco. Refleti que, assim, não precisava gastar a saliva; guarde esse bom-dia para uma melhor oportunidade, se houver. Não dei confiança quando passei pela mesa da Ester. Estava certo de que não levantaria a cabeça para trocar uma palavra sequer. Dito e feito: passei, e a múmia se fez ainda mais rígida, boquiaberta, como se olhasse na tela do computador uma notícia de fim de mundo. Mais adiante, esbarrei no Vicente, um senhor de seus sessenta anos, que nunca revela a idade. Mostra-se atlético, jovial. A meu ver, nesse dia, como se não repetisse as mesmas gracinhas grotescas, despistou; virou-se para pegar um café e logo abriu um sorriso armado, para declarar: "Ah, vejam, vejam! O nosso super-herói chegou!". E aí ele fazia troça do meu cabelo, que conserva um cacho justamente na fronte. Que culpa tenho eu se o cabelo, com vida própria, insiste em ficar assim? E, para completar, a armadilha era, também, para fazer pouco do meu porte físico, franzino, miúdo. O jovem senhor caiu na gargalhada e chamou o séquito para o acompanhar. As risadas forçadas foram ganhando peso, cada vez mais intensas, fazendo com que o grande chefe saísse de sua sala acolchoada, revestida em ilusórias sedas, com ares do Norte – inclusive com uma bandeirinha americana na mesa de trabalho –, para chamar a minha atenção: "Que algazarra é essa, rapaz? Isso são modos, numa empresa de respeito? Já estou lhe esperando desde cedo para resolver essa bagunça que você deixou na sexta; o acúmulo da semana!". E, como não havia mais meios para permanecer ali, dei meia volta, pedi licença ao projeto de esportista, o fanfarrão; como ele não saiu, tive de o empurrar, e adensei o passo para buscar a vida abundante, livre, além da porta de vidro. As vozes foram se desfazendo do meu juízo, até se tornarem imperceptíveis, nulas. Agora, enfim, sei que venci.

Adriano B. Espíndola Santos
É natural de Fortaleza, Ceará. Em 2018 lançou seu primeiro livro, o romance Flor no caos, pela Desconcertos Editora; e em 2020 os livros de contos, Contículos de dores refratárias e o ano em que tudo começou, ambos pela Editora Penalux. Colabora mensalmente com a Revista Samizdat. Tem textos publicados em diversas revistas literárias nacionais e internacionais. É advogado civilista-humanista, desejoso de conseguir evoluir - sempre. Mestre em Direito. Especialista em Escrita Literária. É dor e amor; e o que puder ser para se sentir vivo: o coração inquieto.

Antônio Sodré

Antônio Sodré, conhecido simplesmente como Sodrezinho. Nasceu em Juscimeira, mudou-se para Cuiabá na década de 70 e faleceu em 19 de fevereiro de 2011. Autodenominou-se "el poeta de la transmutácion", cursou Letras e atuou numa banca de livros na Universidade Federal de Mato Grosso, protagonizando diversos movimentos culturais como, por exemplo, o grupo Caxemir-Bouquê, fundado em 1984. É autor dos livros Besta Poética, pela Carrión Carracedo, e Empório Literário, Versos Diversos, lançado pela Ed. Carlini e Caniato.

UMA PRESENÇA INCÔMODA

Seis e quinze da tarde. Linha 711. Maria Taquara. Ela entrou muito rápido por uma das portas traseiras do ônibus, comportamento comum daqueles que tentam conseguir embarcar sem pagar a passagem. Seu estado era deplorável e enquanto caminhava do meio para o fim do veículo atraía a atenção dos demais passageiros – senão por seu aspecto doente, pelo mal cheiro que impregnou o lugar.

Duas senhoras do outro lado cochichavam em desgosto.

"Alguém devia era tirar isso daqui"

"Esse mundo está perdido mesmo"

O rapaz sentado atrás dela abriu o máximo que pode a janela, tinha o rosto quase todo para fora. Alguns poucos passageiros preferiram ficar em pé a sentar ao seu lado.

Não demorou muito para que o coletivo ficasse lotado, mas a cadeira ao lado dela continuava vazia. Absorta na paisagem parecia não reparar a reação que provocava. Seus cabelos sujos e o cheiro forte de podre demonstravam que não tomava banho há algum tempo e o vestido encardido deixava claro que não tinha outra vestimenta.

O excesso de ossos a mostra poderia indicar que não comia bem nos últimos tempos ou que o vício em alguma droga pesada lhe sugava aos poucos a vida. Ou as duas coisas ao mesmo tempo.

Duas paradas à frente, uma senhora exausta do dia de trabalho se senta ao seu lado. Mas de costas e com a bolsa bem protegida, como se a outra pudesse tentar roubá-la a qualquer momento.

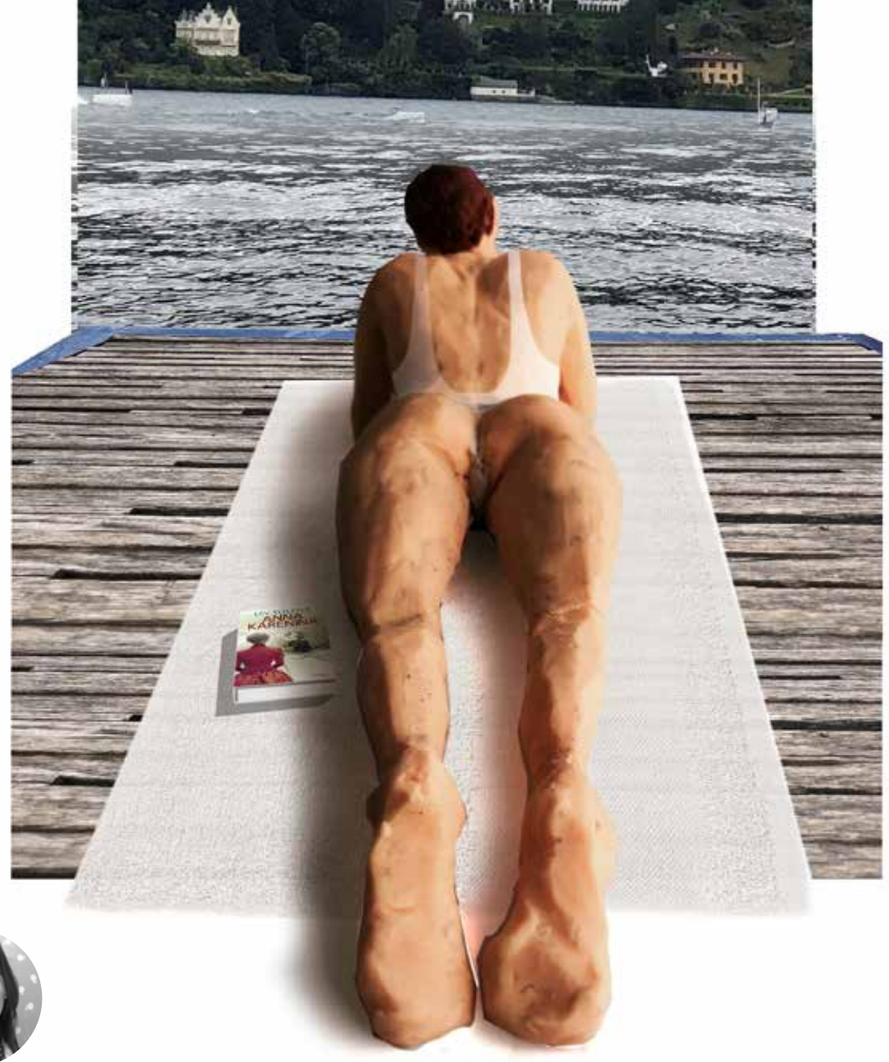
Ela não pareceu notar e se notou não demonstrou se importar. O que via da janela parecia muito mais interessante.

Quando o ônibus já começava a esvaziar outra vez, ela se levantou – e, uma vez de pé, tornou a ser o centro das atenções. Puxou o cordão que indicava que alguém queria descer e se posicionou em frente à porta. Ela seria a única passageira a saltar ali. Aquela era uma região industrial, naquele horário as ruas estavam desertas, a não ser pelos caminhoneiros que paravam para descansar e as pessoas dispostas a trocar seu corpo por dinheiro.

Após a curva, o ônibus parou. As portas se abriram. Ela se desequilibrou e levou dois ou três segundos a mais para descer o primeiro degrau. A motorista, apressada, gritou lá da frente:

"Sai logo, sua bichona".

Aparecido Carmo
Natural de Cuiabá, é jornalista e estudante de mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea na UFMT. É coautor do livro "O obituário no jornalismo" ao lado de Paulo da Rocha Dias.



Bruna Marcelo Freitas
É professora da Universidade do Estado de Mato Grosso e doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Unemat (PPGEL).

O CORPO-TRÁGICO: DE NIETZSCHE A COETZEE

Entendemos, a partir de *O nascimento da tragédia*, de Friedrich Nietzsche (2007), o trágico como a conciliação de dois princípios artísticos: o *apolíneo e o dionisíaco*. O ser é tomado pela dimensão configuradora de Apolo - as formas, a aparência e o sonho - e imerso no campo de Dionísio - a música, a dança e a embriaguez. De forma demasiadamente sintetizada, a tese central dos pensamentos nietzschianos repousa na afirmação desse duplo impulso, próprio da natureza humana, isto é, na afirmação da vida, com tudo o que nela há, desde as alegrias aos aspectos mais problemáticos e dolorosos.

Em *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche (2018) dá vida a uma personagem que contesta a filosofia que se firmou a partir de Sócrates e Platão, sob égide essencialmente racionalista, e catalisa as questões fulcrais que envolvem o trágico. É Zaratustra! Aquele que enxerga o homem como o seu próprio corpo. Daí emerge a compreensão trágica do corpo. Trata-se da aceitação desse corpo em sua inteireza. A não fragmentação do corpo permite olharmos para ele e percebê-lo como extensão de uma unidade maior, o Cosmos. Chamaremos de corpo-trágico, pois, o corpo que não é bi, tri ou multipartido, que é totalidade e, sendo um, acha-se fundido ao todo.

Esse entendimento acerca do trágico parece simples, mas há, para muitos, alguma resistência ou talvez dificuldade em o apreender. É o caso da personagem Simón da trilogia romanesca do escritor sul-africano J. M. Coetzee. No primeiro volume, *A infância de Jesus* (2013), vemos o homem pobre, refugiado, que encontrou o menino Davíd na embarcação rumo a Novilla, adaptar-se a essa terra onde as pessoas vivem sob a regra do esquecimento do passado anterior ao desembarque. Simón encontra uma mãe adotiva para Davíd (Inés). Embora não fossem envolvidos amorosamente, Simón e Inés passam a desempenhar a função de pais adotivos do garoto. Davíd é uma criança imaginativa, criativa e questionadora. Frequentemente, acaba em atritos com as personagens duramente racionalistas que o cercam. Dentre estas, os professores em Novilla e o próprio Simón.

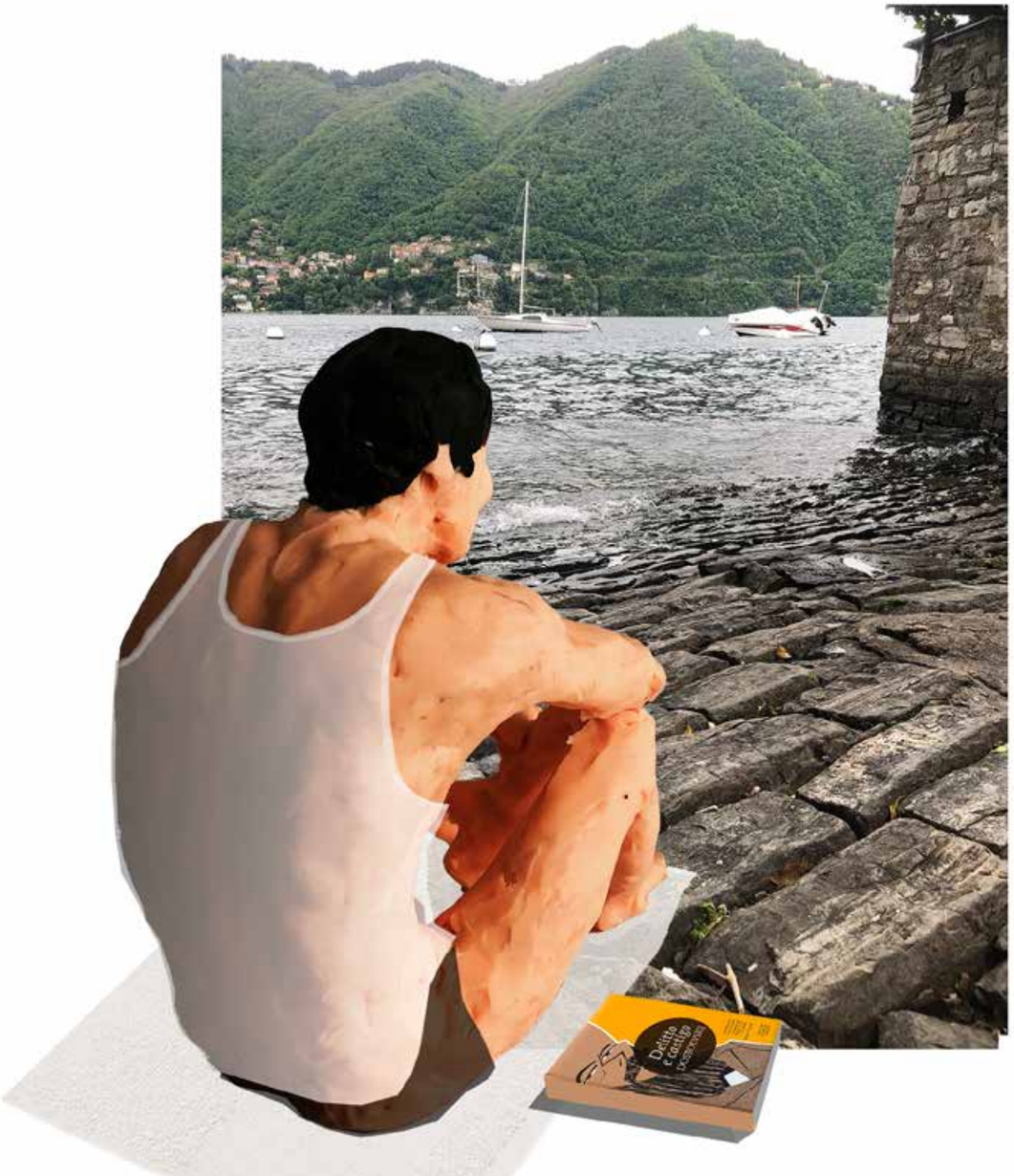
No romance *A vida escolar de Jesus* (2018), a incompreensão de Simón em relação à perspectiva sensível de Davíd se agudiza. Mas agora o menino estuda em uma escola (em outro município) que o compreende e atende aos seus anseios de ser. Essa instituição está longe de ser tradicional, é uma escola de dança e de música. Os alunos aprendem dançando e cantando, aprendem sentindo. Simón, extremamente racionalista, é alheio a tudo isso. Não entende como seja possível uma escola nesse formato, não consegue visualizar os conteúdos e não compreende as mensagens de Davíd. O fosso que se abre entre "pai e filho" torna-se gradativamente mais profundo. No entanto, Simón sente a necessidade de entender a linguagem do menino, que, para ele, soa como enigma. Comove-se ao ver Davíd apresentar-se dançando. Por fim, decide por matricular-se na escola do filho. A saída não é aleatória. A única maneira de entender o que Davíd diz é a partir da experiência colocada por meio da música, ou seja, no/pelo corpo. Há nisso uma sabedoria trágica, pois conteúdo e método são essencialmente trágicos.

De forma geral, a narrativa contempla a compreensão trágica de uma criança e suas vivências corporais, de feição igualmente trágica. Nesse contexto, é impossível, ao ler a passagem em que Davíd é tomado pela dança, não imaginar a magia do dionisíaco de que nos fala Nietzsche, na qual o homem canta e dança, a ponto de sair voando: "o ser que dança diante deles não é nem criança, nem homem, nem menino, nem menina; ele diria mesmo que é um ser sem corpo e sem espírito. De olhos fechados, a boca aberta, arrebatado, Davíd flutua pelos passos com tal graça fluida que o tempo se detém" (COETZEE, 2018, p. 245). A essa altura não se reconhece cisões, mas fusão, com o próximo, com a natureza, enfim, com o Uno-primordial. O homem deixa, assim, de ser artista e transforma-se na própria obra de arte.

COETZEE, J. M. **A infância de Jesus.** Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
_____. **A vida escolar de Jesus.** Tradução de José Rubens Siqueira. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém.** 1. ed. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.
_____. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo.** Tradução, notas e posfácio de J. Guinsburg. 2ed. 6reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Sempre disseram que "mim" não conjuga verbo. Mas nunca deixei que dissessem perto de Mim. Mim não era eu: Mim era alguém: Mim era além de mim: Mim era minha melhor amiga: em quem posso confiar, além de Mim? Em ninguém. Então nunca deixava que ela soubesse. Mim se livrava da verdade e ficava livre pra ser o que queria. Mas se eu podia confiar em Mim, o contrário não fazia sentido. Mim não podia confiar em nada. Houve o dia em que não pude salvar a Mim do grande risco. Foi em uma dessas aulas monótonas de língua portuguesa. Alguém soltou a pérola antigramatical diante da canhestra professora: professora, ele mim bateu. Todos na sala riram, me contaram depois. A professora irritada, com o aluno que batera no outro e no outro que batera na língua portuguesa, suspendeu os dois, mas não sem antes dizer: e que todos aprendam de uma vez "mim" não conjuga verbo. Ao ouvir isso Mim paralisada. O lápis caiu no chão. Todos chamavam e Mim não respondia: Mim não se movia: Mim não pensava em nada. Mim estátua de palavra. Estátua de gramática. Quando soube do que acontecera com Mim me penitenciei. Tentei de tudo e nada de ela voltar. Médicos foram chamados. Religiosos de todos os credos. E nada. Mim de rocha. Comovidos colocamos Mim no pátio do colégio. Entre pombos e papéis velhos: Mim monumento. Não sabíamos o que fazer com Mim: culpávamos a professora: maldita parnasiana. Choramos por Mim por todo o ano. Até que veio o dia em que encontrei salvação pra Mim. Contrariando a professora que detestava que a gente lesse textos modernistas, roubei da seção proibida um livro de Bandeira e encontrei o seguinte trecho que transcrevo "Não há nada mais gostoso do que o mim sujeito de verbo no infinito. Pra mim brincar. As cariocas que não sabem gramática falam assim. Todos os brasileiros deviam de querer falar como as cariocas que não sabem gramática." Abri o livro diante de Mim e disse o fragmento e Mim piscou os olhos, repeti o trecho e Mim abriu a boca, chamei vários amigos e juntos fizemos coro e Mim moveu os braços, e o coração de Mim bateu de novo e Mim andou e Mim correu e Mim me abraçou e Mim deu um beijo em mim. Daquele dia em diante nunca mais soube sofrer de palavra: eu dizia o que queria e Mim conjugava o verbo amar. Daquele dia em diante nunca mais deixei de ter amor por Mim.

Caio Augusto Leite
Nasceu em São Paulo em 1993. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP) com dissertação sobre *A Paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector. Integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018, na França e na Bélgica, a convite da Universidade Sorbonne. Teve textos publicados nas revistas digitais *escamandro*, *A Bacana*, *mallarmargens*, *Vício velho*, *Lavoura*, *Subversa*, *Literatura & Fechadura e Alagunas* É autor dos livros *Samba no escuro* (Scortecci, 2013), *A repetição dos pães* (7Letras, 2017) e *Terra trêmula* (Caiaponte, 2020), além de colunista da revista digital *Ruído Manifesto.*



INGUINORÂNÇA

Já quizcrevê direitchu num importa
Iu importanti é a cumunicassão,
Uqui us mestrinssina é çó lorota
U dissionáro é çó pra vassilão

Cumigu as mina gosta i sempri vorta.
Pra elas uqui vali é a zarassão.
Falá dilivru é çó pra genti morta.
Eu nuncatô çozinhu, viu mermão!

Praquê querê çabê cié "éci" ô "sê",
Uquiqui miádi anta fazê comta?
Tirá zeru naprova nuimti mida!

Eu dêchu eças frezcuraí prussê.
Iztudu é perdetempu a jentitonta:
Siliga, não siméte, é minha a vida!!!

César Veneziani
É mestre em Estudos da Tradução pela FFLCH-USP. Publicou os livros de poemas: "Asas" (Utopia Editora, 2009); "Neblina" (Editora Patuá, 2012); "Versos Avulsos e Outras Valsas" (Editora Patuá, 2015); "Dicioneto Mitopoético – de Afrodite a Zeus" (MorningStar Books, 2018); e "Estações do Ano e da Vida" (Editora Patuá, 2020).

CORPOS SEM TÍTULO

O médico foi claro no diagnóstico. Em tempos pandêmicos, inocência achar que seria diferente. O tratamento foi protocolar: vitaminas, água, repouso e um ou outro medicamento de eficácia pautada na (falsa) esperança. E o alvo de tudo – dos "remédios" e do vírus – foi essa coisa maciça, viscosa, conteúdo e continente de todos nós: o corpo.

Sim, o corpo. Um corpo. Muitos corpos em um mesmo corpo. No caso clínico, um corpo momentaneamente continente de uma doença mortal. Corpo de um vírus. Porém, um corpo plástico, modelável pelas mãos hábeis da Ciência que bravamente tentam curá-lo. Corpo que ocupa espaços – leitos de enfermarias e UTI's, corações de mães, abraços de amigos. Corpo que tenta respirar contra a imposição vidro-fosca dos pulmões doentes. Corpos partidos e repartíveis: pulmão, coração, sangue (Proteína C Reativa, D-dímero, hemácias, linfócitos, etc.), músculos, força. E esperança.

Corpos doentes e (às vezes) corpos sadios.

Muitos corpos em um mesmo corpo-tempo. O corpo que agoniza contra um vírus também é avidez quando sadio em outras camas. Ali, na saúde que se deseja eterna, corpos com curvas entregues aos desejos de lambidas e carícias e chamegos. Corpos duplos-múltiplos unos. Um só, sendo dois. Divina díade. E braços entrelaçados entre cuspes e fluidos. Corpos que buscam sanidade na insanidade do gozo.

Corpos pequenos e grandes, cheios e vazios, plácidos e duradouros. Corpos incorruptíveis, corpos decompostos, corpos construídos e reconstruídos, corpos que lutam e resistem. E, ainda assim, somos só isso, corpos: corpos corporificados...

... menos na Arte. Na Arte, corpos não são corpos. São almas. Almas-substâncias. Corpos-almas para nutrir outros corpos-corpos com aquilo que importa para a vida não concreta. Corpos oníricos, dos devaneios, do belo, do horror, do belo-horror, do horror-belo, de mim e de vocês. E nessa Arte cabe o múltiplo. Cabe tudo. Cabe todos. Cabe a bravura da tentativa de aliviar um pouco as vidas corporais e cabe a felicidade da saúde que se encontra no segredo das vontades das coxas. Almas-corpos, matéria-prima da artista, de quem maneja as almas(corpos) deixando-as com cheiro doce de jabuticaba ou duro de argila queimada.

Corpos-almas-corpos-almas-corpos-almas e sobrou a gente, ansiando pelo que será criado para aplacar nossa simples materialidade, transformando-nos em vento ou poesia.

Corpos artisticamente moldados para que consigamos superar nossa condição corpórea.

Enfim, Arte, para que consigamos superar qualquer coisa.

Contudo, por favor, sem vacina, mantenham a distância – física – entre os corpos.

Clark Mangabeira
Carioca cuiabano, é doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ e professor adjunto de Antropologia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Graduado em Direito, Letras e Ciências Sociais, é escritor de ficção, tendo publicado contos e poemas em diversas revistas literárias e acadêmicas, e escreve enredos das Escolas de Samba do Rio de Janeiro.

AH, O CORPO!

"Cárcere de argila" de um "pássaro de fogo".

Supervalorizado, presta-se a transformações: põem botox, piercings, silicone, chips, carimbam tatuagens na pele que bronzeiam, lagartixas sob o sol, ou clareiam com remédios e cremes, mutantes reptilianos lambuzados recém-saídos de casulos arrastando-se na cama-lama da sandice.

Incisões cirúrgicas constroem verdadeiras esculturas: fazem lipo, põem silico, esticam, cortam, incham, encolhem, pregam e repregam até o fiofó. Os cabelos são cortados, alisados, engrenhados, coloridos, branqueados, comportados, assimétricos, postos na régua da moda e raramente alinhados com o espírito do tempo.

Maquiam de leve o rosto ou nele aplicam massa corrida pra esconder ou disfarçar imperfeições; depois, fazem arte: cores e brilhos, traços e formas em devires animais, espaciais, especiais... Usam brincos, colares, pulseiras, correntes, cintos, gravatas, algemas, joias e/ou bugigangas, adereços mil que acrescentam peso ao olhar que o contempla embasbacado – o corpo reflete um tempo qualquer que se queira indiciar.

O corpo é templo: ninja, surfista, praticante de Parkour, samurai, iogue, monge Shaolin flexíveis, precisos, infalíveis e fortes mostram o que é ser mestre.

Mas o corpo também é porco. Ultrajado, violado, vendido, largado, faminto de pão e espírito. As escaras da escória provocam os brios do operário padrão, que tapa o nariz e finge que não enxerga o que é de sua conta: a turba miserável avultando-se nas ruas, mãos e olhos estendidos para o vácuo.

Sob o tempo, em tempo, o corpo se transforma enrugando-se uva-passa e se rende à gravidade: despenca, erode, vira pó, desvanece-se – o temido nada é alvo infalível. C'est fini. Sem epitáfio.

Cristina Campos
É doutora em Educação (USP, 2007); mestra em Educação (UFMT, 1999); especialista em Língua Portuguesa (UFMT, 1989), Semiótica (UFMT, 1995) e Semiótica da Cultura (UFMT, 1996). Professora aposentada de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, pelo IFMT – Campus Cuiabá. Ocupa a Cadeira 16 na Academia Mato-grossense de Letras. É autora das seguintes obras: *Pantanal mato-grossense: o semantismo das águas profundas* (Cuiabá: Entrelinhas, 2004), *Conferência no Cerrado* (Tanta Tinta, 2008), *Manoel de Barros: o demiurgo das terras encharcadas* (Carlini & Caniato, 2010), *O falar cuiabano* (Carlini & Caniato, 2014), *Bicho-grilo* (Carlini & Caniato, 2016) e *Papo cabeça de criança travessa* (Tanta Tinta, 2017).

NO LIMITE

Onde está o limite do amor?
O tempo suspende o momento
Na impossibilidade de qualquer resposta.

Toda a verdade possível
É uma martelada na vida
Por força de todos os condicionamentos,
Mas você deixa teu corpo ficar
E eu busco teu beijo esquivo.

O corpo entende muita coisa, não é?

Amanhã morreremos.
Morrerão nossos filhos,
Morrerão os filhos dos nossos filhos,
Morrerá esta estrela
Desta insignificante galáxia
Em que este amor se deu.

Esse amor
Que existiu
No limite.

Num outro planeta,
Num futuro imensurável
A essência da vida
Consumar-se-á
Na falta de qualquer explicação.

Descansa teu corpo e aceita meu beijo.

Dante Gatto
Nasceu em 1957, natural de São Paulo, capital. Foi bancário até 1996. Aposentou-se como Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT. Escreveu peças de teatro: *Os vencidos* (1985); *A noite dentro da noite* (1986); *A Criação literária* (1988); *Amar, verbo intransitivo* - adaptação (1995); *Retorno ao futuro: a semana de 22* (1996) e *A voz do povo: 500 anos de história* (2000). Publicou livros de poemas: *Poesias* (1980); *Unimultiplicidade poética* (2005) e *A Ferida e outros poemas* (2015) e um livro de metodologia científica: Metodologia da Pesquisa (2017).

Divanize Carbonieri
é doutora em letras e professora de literaturas de língua inglesa na UFMT. É autora dos livros de poemas *Entraves* (2017), *Grande depósito de bugigangas* (2018), *A ossatura do rinoceronte* (no prelo) e *Furagem* (no prelo), além da coletânea de contos *Passagem estreita* (2019).

TRECHOS DO LIVRO "NOJO"

(...) você é muito testuda bom era cortar uma franja logo pra esconder esse paredão aí olha nem dá pra acreditar a cara quase que é só testa fica muito esquisito o resto do rosto é um terço da testona testa grande pode ser sinal de inteligência mas de beleza com certeza não é e com esse cabelinho ralo nem dá pra cobrir tudo eu tenho a testa pequena teu pai tem a testa normal não sei por que você veio com esse testão a quem você puxou deve ser a família do teu pai que ali tem cada jaburu mas testa grande igual a tua ninguém tem isso daí realmente é privilégio teu quando deus distribuiu testa você passou seis vez na fila pior que testa nem dá pra operar que plástica que vai fazer pra diminuir testa diz que na coreia tem umas que raspa o osso pra deixar o rosto mais ajeitadinho se tivesse aqui no brasil eu pagava pra você porque essa testa aí é um atraso na tua vida

(...)

só sei que pra minha mãe pior coisa no meu corpo é a minha testa mas eu nem ligo muito pra ela tá certo que também não acho bonito mas outras coisa me incomoda bem mais tipo a bunda por que eu precisava ter uma bunda tão grande como essa tão chato porque chama muito a atenção quando eu vejo tá lá sempre um homem olhando pra minha bunda me dá vontade de sumir queria tanto ser reta coisa mais chique é ser magra e reta como uma régua mulher intelectual é assim curva é coisa de mulher burra pode prestar atenção quanto mais ignorante mais justa e curta é a roupa e tem essas que usa shortinho com umas coxa enorme camiseta de alcinha com os bração de fora tudo umas sem noção dá até aflição um nojo esse tantão de corpo aparecendo o tempo inteiro tem que olhar pra isso como se fosse normal essas sobra de carne e principalmente banha quanta banha meu deus do céu...

LUXÚRIA

O teu olhar, que assim me finca as unhas,
com fogo e com venenos de Quimera,
escavam, dentro em mim, funda cratera,
igual as pontas finas de mil cunhas.

Mais finas do que os pelos das vicunhas,
de forma que, jamais, se pensa ou espera,
perfuram minha tez em primavera,
quais bicos das araras nas pupunhas.

Ninguém escapa, não, de tal sangria,
das unhas afiadas do desejo,
mais fortes do que as garras de uma harpia.

Ai! Quando o teu olhar, assim, me espia,
esgarço os frágeis véus do tolo pejo,
e cravo em tua carne uma poesia.

INFERNO E PARAÍSO

De tanto procurar-te ando perdida,
nem vejo mais o teu formoso rosto,
pisando pedras, farpas, por suposto,
perambulando ao léu, sem ter guarida.

Buscar-te sempre além – a minha lida –
a saga que o destino tem me imposto,
peregrinar tão só, de agosto a agosto,
sentindo uma saudade desmedida.

E todos me perguntam por que andejo
se perambulo tanto e não te vejo,
nem vejo, nunca, a luz de teu sorriso.

Respondo então que amar é mesmo assim,
é mel e fel, princípio, meio e fim,
é luz e breu, inferno e paraíso.

Edir Pina de Barros
É membro da Academia Brasileira de Sonetistas e da Academia Virtual de Poetas de Língua Portuguesa. Seus poemas estão disponíveis em vários livros, antologias, revistas eletrônicas e nas mídias sociais. É doutora e pós-doutora em Antropologia pela USP, professora aposentada (UFMT). Nasceu no Mato Grosso do Sul e hoje reside em Brasília.

SÁBADO

somente aos sábados a vida acontece
não há quem nos lembre das dívidas, não há quem nos condene os pecados
não há quem nos ofereça desculpas, nem quem ande arrependido
sábado é refúgio, esconderijo para criminosos de toda natureza
é viagem ao exterior e diária em suíte com banheira de porcelana
é passaporte diplomático para espiões malvados que buscam exílio
sábado é o dia em que religiosos abandonam o hábito
o dia em que juízes declinam das togas, em que as prostitutas se apaixonam
o dia em que os mágicos inventam seus truques e as crianças se maravilham

sábado é o dia em que deus transforma todos os vinagres em vinho bom
havemos de comemorar porque já não é sexta e ainda não é domingo
é irremediavelmente sábado, urgentemente sábado
inexoravelmente sábado, inapelavelmente sábado
é sábado na cidade porque só existe sábado onde há gente
o sertão não comemora a passagem dos dias
o mato não liga a mínima, os bichos não se importam
a lua não faz ideia do que pode um sábado

hoje é sábado e os bares fervilham, os amigos se encontram na portaria
os casais se reconciliam e deixam as camas desarrumadas
hoje é o dia do gozo universal, cujo único pecado é ter obrigação
e, mesmo que não haja Vinícius para nos lembrar
que hoje é sábado, amanhã é domingo
ninguém é feliz de véspera
porque somente aos sábados a vida acontece

Eduardo Mahon
43, é carioca da gema, advogado e escritor. Mora em Cuiabá com a esposa Clarisse Mahon, onde passa sufoco com seus trigêmeos: José Geraldo, João Gabriel e Eduardo Jorge. Autor de livros de poemas, contos e romances, publica pela Editora Carlini e Caniato.

Icleia Rodrigues de Lima
É graduada em Letras pela UFGO (1968), Mestra em Filosofia da Educação, pela FGV-RJ (1981) e Doutora em Educação, pela USP-FEUSP (1992). Foi professora do Curso de Graduação em Letras da UFMT, nos Programas de Mestrado em Educação da UFMT e da UEL-Londrina-PR, e também no Programa de Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO-IL-UFMT).

A BONECA, O ESPAÇO E O CORPO: NOTAS PARA UMA ANÁLISE PROXÊMICA DE UM ROMANCE DE EDUARDO MAHON

"A família é como a varíola: a gente tem quando criança e fica marcado para o resto da vida."
Jean Paul Sartre

"Eles não podem tirar isso de mim" é o título inscrito na capa do novo livro de Eduardo Mahon, pronto e acabado pela Carlini e Caniato, neste dezembro de 2020. Uma leitura da capa pode principiar uma leitura do romance. Ora, uma capa, mais do que para proteger o miolo de um livro, serve para desvelar o que está cobrindo. No continente já estão os contornos do conteúdo, a história.

Noticiada previamente nas redes sociais pelo autor, a capa teve dos visitantes não muito diferentes comentários. As três bonecas estampadas, para uns poucos "fofas" ou "inocentes", sinalizavam uma história "misteriosa" ou "medonha", "macabra" ou "sinistra", para a maioria. A boneca do livro anunciado parecia, enfim, "irmã do Chucky", desligada do lúdico e mais rente com o trágico.

O que foi sugerido antes se comprova já no fluxo acelerado da primeira leitura, na onda que invade o texto literário para a descoberta e vivência das impressões que ele provoca. A boneca do romance é real: é a concretude de um brinquedo que é feito/desfeito/refeito pela personagem narradora da história. No refluxo de uma segunda leitura, com o fito de preensão mais detida – e desacelerada – dos detalhes salientes do texto literário porque literário, a boneca é também um símbolo e um descritor: é uma representação de corpo de criança no feminino, que é movido/sujeitado/transformado por um destino. Essa idéia de corpo e de destino encoraja o leitor crítico para uma aventura do pensamento, qual seja, a de juntar à análise literária uma análise proxêmica de "Eles não podem tirar isso de mim".

Para a Proxêmica de Edwad T Hall interessa o estudo dos comportamentos humanos de conformidade com os espaços e as distâncias físicas de que disponham entre indivíduos e entre grupos de existência e pertencimento, de conformidade, pois, com os usos que possam fazer de suas extremidades corporais. É uma antropologia do espaço e das organizações mais uma antropologia do corpo e do imaginário... Numa abordagem proxêmica, para a qual aqui seguem algumas notas, a idéia de corpo é a de um corpo sensível, com os cinco sentidos, tomados não apenas psicologicamente mas também na sua materialidade e animalidade. Daí que "corpo social" e "espaço social" em "Eles não podem tirar isso de mim" não serão duas meras metáforas.

O ESPAÇO na história desse livro é feito de partes do espaço maior de uma grande cidade. Num sobrevôo, é a visão clara de uma escola, três casas-moradia, um parque, um viaduto e a entrevisão de um reformatório e um sanatório. A escola tem um portão e um guarda-guardião que permite ou impede a entrada do que chega, conforme a hora do relógio. As paredes são pichadas e re-pichadas e os livros repetem rabiscos de alunos de gerações que tem passado e odiado passar. Há um laboratório com um professor que explode de cansado e imprestável e se aposenta por invalidez. Pelos corredores ronda com passo militar um diretor que tem uma boca feito um traço duro, reto e horizontal, óculos cobrindo os olhos e um chaveiro balançando na cintura. O diretor é o gestor do espaço delimitado da escola, o que garante a ordem, faz cumprir as regras e a Lei O lugar da assistente social Jô, de exígua envergadura e voz pequena é um cubículo, no tamanho para caber seu pote de balas, enquanto formula perguntas e preenche formulários com respostas de alunos que não respondem. Há uma quadra com degraus formando uma "montanha", onde sobem "crianças difíceis" se posicionando no alto como os "gorilas", enquanto os medrosos permanecem

como os demais no baixo, como os “patos”. Não se pode ver as salas de aula, nem as lições ou encontros de professores com alunos dentro delas. Deve ser que o telhado cobre essas sístoles e diástoles que acontecem dia após dia com o enchimento e esvaziamento de alunos. Com o não ter telhados, o parque é o lugar apropriado para revoadas, tanto de pombos em centenas e famintos de migalhas como de alunos em pares famintos de vôos. Das casas-moradia avistadas as mães estão quase ausentes e uma é morta e os pais estão sempre presentes e um é quase morto. Na malha urbana e malha dessa história, uma das vias passa sobre um viaduto e sua fundação funda e esconde a caverna e sobrevida de um mendigo que tem um cão e um pistão. O reformatório e o sanatório deixam antever muita sombra do que possam sanar ou reformar. Mas há imagens moventes de enfermeiras medicando como se oferecendo balas, e de médicos como Dr. Oswaldo assistindo, formulando e preenchendo formulários como Jô.

O CORPO em “Eles não podem tirar isso de mim” é um “corpo social” num dizer ampliado ou enobrecido de sociologia ou de poesia. Porém, num dizer estrito ou obsequiado de Etologia, é um corpo que serve a outros e que se serve de outros. Isso pode ser observado, enquanto se segue as personagens da história, se – e só então se – tomadas como sujeitos que se movem, consoante a proximidade havida entre uns e outros. A menina que conta sua história revela no contar a distância corporal que tende a guardar dos demais. É uma distância pessoal, espécie de bolha, que a resguarda enquanto também a aproxima daqueles com quem quer estar junto. Jô, Paulinho, Marcelo, Jonas, Caco e a cadela Latinha são o seu próximo. Nessa distância pessoal – equivalente a um côvado ou ao comprimento de um braço estendido -- a menina pode perceber as formas dos corpos de seu próximo. Pode ouvir as vozes e ruídos de todos, ver o vermelho das escleróticas, a sujidade das roupas, os gestos mínimos e maiores, sentir o cheiro das emanações físicas do outro, o gosto da comida em comum com o outro. Pode, se o quiser mas não precisa, tocar o outro com quem se junte. É essa mesma espécie de bolha que os demais da história -- Jô, Paulinho, Marcelo, Jonas, Caco e Latinha, a cadela -- têm igualmente sobre si e para igual serventia de proteção.

Momentos de exceção acontecem em pontos do espaço dessa história. São momentos em que a distância pessoal passa a distância íntima. Decorrem repetitivos no parque: a menina se envolve e se abriga sob a roupa e entre os braços de Jonas. Um e outro suprem nesses momentos uma necessidade ou fome mamífera e humana de pele -- tato e contato -- e de acolhimento. A bolha da menina não se rompe, pois com a bolha de Jonas torna-se uma só. Decorrem repetitivos na casa-moradia da menina: o Tio Alberto rompe essa distância pessoal, tem com a menina uma distância íntima e, nesta, rompe a fase mais próxima. Se a distância íntima entre os humanos tipifica aquela para os atos necessários e assentidos de tatilidade e ou do amor em quaisquer de seus significados, tipifica também aquela que serve à luta, às pulsões de agressividade e aos atos de violência. Assim, a menina é bolinada, violada e a partir dessa feita, dia após dia abusada. Outros rompimentos de distância pessoal e protetora acontecem com outros da história. Com Jonas principalmente, quando é espancado de cinto, chinelo, vara e mangueira. Com Marcelo que vai e volta do reformatório onde pode ter a cabeça raspada. Com o que assiste aos espancamentos da mãe, com o que assiste à quase morte interminável do pai. Entretanto, esse rompimento de distância pessoal de todos da história e que acontece quando as personagens são vítimas, acontece também quando são elas as agentes de agressão e violência. Jonas agride espanca e escoiceia colegas, assim como Marcelo quebra e explode carro e laboratório na escola. Jonas e Marcelo se voltam contra si mesmos e seus próprios corpos tatuam-se de colar de arame farpado e lágrima negra, de auto flagelação. Paulinho, que se mostra o inteligente, o pacífico e o apaziguador do grupo, é o que se junta aos meninos para espancar e matar a coices o mendigo Caco e a cadela Latinha. E a menina incendeia o corpo dormido do Tio.

Essas notas com o rudimento de uma análise literária imiscuída de uma análise proxêmica querem ser aqui uma sugestão de postura, de heurística outra, à parte de ser outra leitura possível de “Eles não podem tirar isso de mim”. Jamais será uma recomendação de panacéia mas de um adjuvante...

Toledo, Paraná, Primeiro dia de Verão de 2020

Janet Zimmermann
É natural de Catuípe (RS) e mora em Campo Grande (MS). Tem, publicados, dois livros de poemas: “Asas de JIZ”, Editora Life (2013) e “Pétalas Secretas”, Editora Patuá (2016), com o qual venceu, em 2017, o Prêmio Guavira de Literatura. Dentre as várias antologias que participou, destaca: “As Mulheres Poetas na Literatura Brasileira”- Volume II, coletânea em e-book, criada, organizada e divulgada pelo poeta Rubens Jardim.

E CANTO COM A FONTE ENQUANTO GUARDO-SÓIS DE ONTEM

A flor do dia
aguarda a guarda do vento
passar em câmera lenta...
E eu que ainda guardo-sóis
do século passado,
guardo-me de reclamar
do nublado. Antes, agradeço
a água viva que se avoluma, cristalina,
nos depósitos naturais...
E canto com as gotas suicidas,
segredos da Fonte.

Tatiana Brodatch
Artista Convidada

Tatiana Brodatch was born in Moscow in 1977. In 2000 she graduated from Moscow –Institute of architecture. During the univercity years she has also lived, worked and studied in Milan. For the following 15 years she worked as an architect in Moscow and Milan.

Her artistic path started in 2013 when by chance she discovered plasticine, her distinctive material. In 2015 she did 4 shows in Milan, Kiev, Ibiza and Moscow and the same year she enrolled in the Brera Academy of Art in Milan. In 2017 she made a project as an art resident at the famous villa Santo Sospir in Cap Ferrat in France. the installation was shown at the villa at the end of the residence.

In 2018 she presented her new project - an installation “Love is a verb”. The installation consisted of a bed with 35 plasticine figures on it captured in their moment of intimacy and a video projection of an animation of the characters in motion. The project was shown in Milan and Paris and had a vast digital coverage. In 2019 in Milan together with an artist Mahmoud Saleh Mohammadi Tatiana created an installation “Personal Belongings”. She has also participated in other collective shows in Europe.

Tatiana has collaborated with magazines, fashion brands and design companies. The most noted collaboration is with the italian company Seletti, known for the daring design of the objects they propose. Tatiana has created a series of 8 characters, single or in couples. Her small people have spread all around the world inhabiting the art lovers homes. TB and Seletti are now preparing 2 new projects that will hopefully come out very soon.

Lives in Milan, and works in her studio in the city center. she works with models, makes portraits and stop motion videos. her main material remains plasticine but she also works with argilla and bronze. She also draws. Her numerous drawings depict mostly herself in the different life situations and form a kind of personal diary. In 2019 she has shown her drawings in an exhibition in Milan.

REAMANHECER

Morri e aqui estou
Neste corpo que nunca foi meu
(Nem a outra pessoa pertenceu)
Quando pouco amei
Se amar não pude
Como fora minha intenção

Morto da silva
Esperando (quem sabe)
Um beijo que me adormeça
Me faça sonhar fora dos pesadelos
Pesadelos que não se dissipam
Mesmo que se desliguem as tomadas

Encontro-me morto e só
Sozinho converso tenteando o dia
Que a solidão inventou
De quebrar as vidraças
E deixar o ar evaporar
Pelas minhas narinas...

Acordo, minha alma se levanta
Abre as portas e janelas
A vida invade minha casa
Como quem não quer nada
Mostra-me a paisagem...
– Voo embora pássaro.

João Bosquo
poeta, jornalista e licenciado em Letras/UFMT - publicou o livro Abaixo-Assinado (1977), em parceria com L. E. Fachin; Sinais Antigos (1981), Outros Poemas (1984), Sonho de Menino é Piraputanga no Anzol (2006), Imitações de Soneto (2015) e Seleta Cuiabana (2019); participou das antologias Abertura (1976), Panorama da Atual Poesia Cuiabana (1986), A Nova Poesia de Mato Grosso (1986) e Primeira Antologia dos Poetas Livres nas Praças Cuiabanas (2005); com Abdiel 'Bidi' Pinheiro Duarte editou o alternativo NAMARRA (1984/86) e coordenou o projeto POETAS VIVOS (1987/88), da Casa da Cultura de Cuiabá.

A BRUSCHETTA MALDITA

Não há motivos para acreditar nas palavras de quem é tido como bêbado, mesmo quando está sóbrio. Preferi registrar aqui algo que testemunhei acontecer diante dos meus olhos, algo que gritei, bradei a todos, mas não acreditaram. Digo-lhes, sem rodeios, que meu amigo músico, D.B., foi engolido por uma *bruschetta*. Ele pretendia comê-la, mas o inverso aconteceu. Meu regozijo, porém, é saber que em seguida, a *bruschetta* maldita foi engolida pelo gato Tarantino.

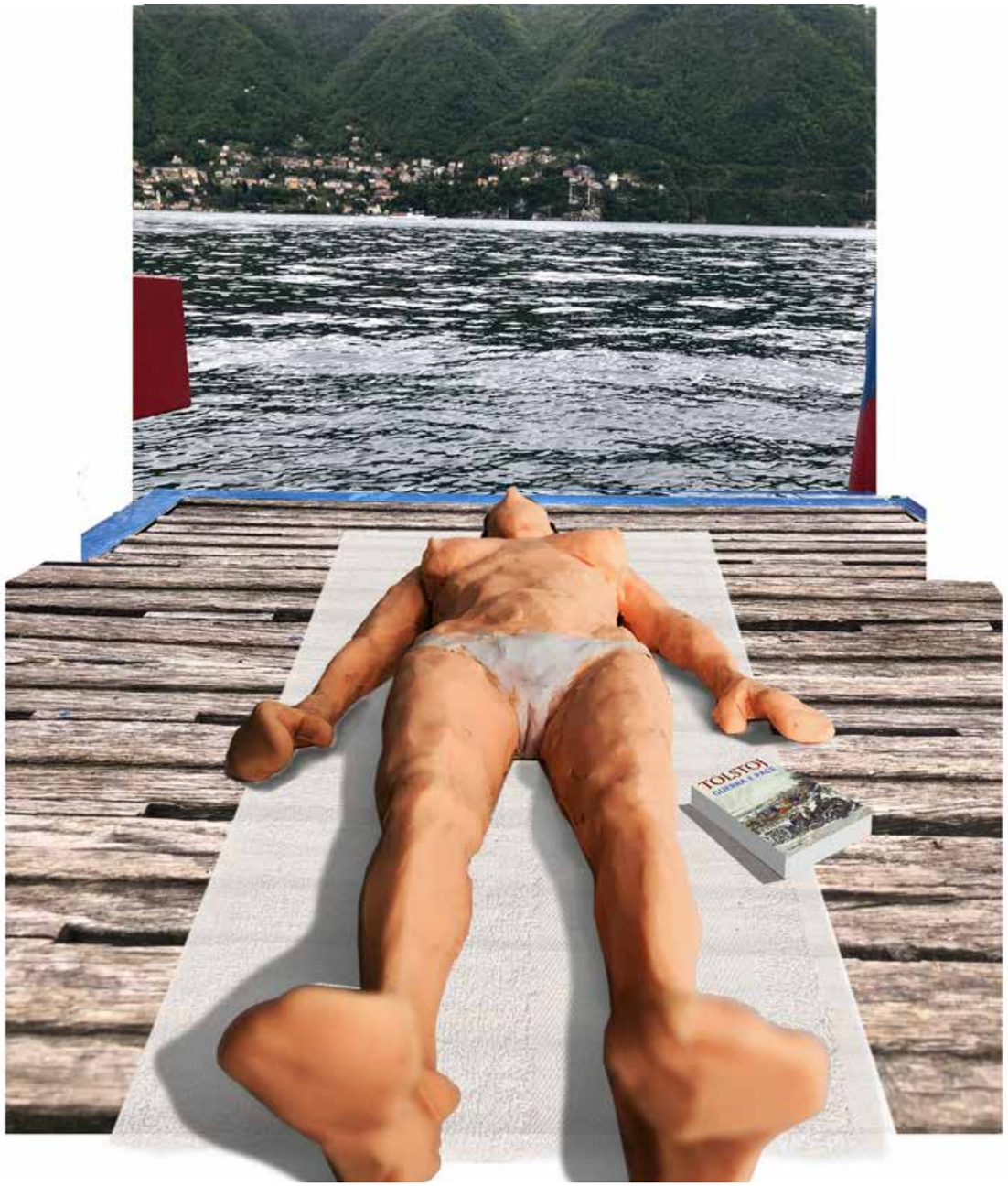
Estava no bar há meses, decompondo-me junto ao balcão, tomado pelo mau cheiro e prestes a brotar feito uma árvore. D.B. se apresentaria naquela noite e foi o primeiro a chegar. Passou perto do balcão e, indiferente à minha presença, serviu-se de copo de chope. Uma porção de *bruschettas* picantes o aguardava. Talvez uma manifestação divina ou exatamente o contrário.

Enquanto degustava, olhou-me e piedosamente me estendeu uma das *bruschettas*. Recusei-as prontamente e ele insistiu, dizendo que qualquer dia eu cairia morto por cima do balcão. O alcoolismo me levara vários quilos.

Querendo vangloriar-se de sua boa forma, D.B. tirou um dos sapatos de motoqueiro que usava. Dentro da meia havia uma cebola que, segundo ele, estava sugando toda a sua negatividade. Isso era um hábito antigo na província, pelo que me lembro. Ele sorriu e gargalhou em êxtase, mas o forte cheiro me alertou para algo maligno pairando à nossa volta. D.B. ria freneticamente e expelia dezenas de migalhas da *bruschetta*, que se juntaram à cebola. Uma imensa *bruschetta* surgiu de seu pé direito e lhe engoliu a perna, avançando para o resto do corpo em seguida. Seus gritos então eram de dor e até hoje ecoam em minha mente. A *bruschetta* se expandiu, engoliu D.B. por completo e, numa fração de segundos, retornou ao seu tamanho original e caiu no chão onde outrora meu amigo apoiava seu pé direito. Fiquei paralisado por uma porção de tempo que não sei precisar. Despertei quando Tarantino passou entre minhas pernas. Olhei para baixo e o vi se refestelando na *bruschetta* que havia engolido D.B. Após comer, o gato voltou para o alto de sua janela, de onde observava todo o bar.

D.B. não se apresentou naquela noite e nem nas seguintes. Seu desaparecimento foi noticiado, mas sequer levaram meu depoimento a sério. Também cheguei a duvidar do ocorrido, mas o fato é que continuo no mesmo banco junto ao balcão e observo atento às formadas de *bruschettas*, na vã esperança de reencontrar o meu amigo.

Klaus Henrique Santos
Reside em Sinop-MT e é membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras (ASCL), nela ocupando a Cadeira 10, cujo patrono é Jack Kerouac. Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo. Publicou Páginas da Escuridão (2012), Enfim, a estrada (2014), Horror & Realidade: contos (Carlini & Caniato Editorial, 2015), No Compasso da Loucura (Carlini & Caniato Editorial, 2017) e A poesia mora no bar (Carlini & Caniato Editorial, 2018).



LJorge
É marido, pai, professor, fagotista, cristão e leitor apaixonado por clássicos.

A TERCEIRA MARGEM

Não se sabe a razão, porque isto aconteceu,
D'ele deixar tudo pra trás, e decidir ir flutuar,
Nunca mais sentiu a terra, nem o molhado do orvalho,
Somente sol, frio e chuva, fome, a lua e o breu,
Aquele cujo sangue, maldito, vem aqui me devorar,
Gerou uma pulsante culpa, e estou nela afogado.

Porque eu fui tomar, esta benção maldita?
Que aqui ficou cravada, feito uma sanguessuga!
Venha embora, não nos deixe,
Largue pra lá, essa promessa,
Deixe de haver, essa doidura,
Veja a gente crescer,
Nos tornar mulher e homens,
Pois pra nós o tempo voa,
Mas aí, ele só flutua,
Porque eu fui tomar, esta benção maldita!
Porque eu fui tomar, esta benção maldita!
Porque eu fui tomar, esta benção maldita!

Um dia a vida aconteceu, e com ela veio a esperança,
Do retorno esperado, e do fim desta doidura,
Mas só veio a ausência, silêncio e decepção,
Lágrimas tantas como um rio, como este que flutuas,
Depois disto a morte certa, bubuiando sem ternura,
Despedidas e adeus, deixaram eu só e a imensidão.

De vocação ou um propósito, estou escravo desta sina,
De fazer-lhe companhia, providências escondidas,
Mas pra mim, o tempo voa, pra ti ele só flutua,
Porque eu fui tomar, esta benção maldita?
A amendoeira floresceu, grande peso é o gafanhoto,
Chega desta desventura, sem mais horas partidas,
Pego seu peso e o carrego, e o meu fardo alivio,
Tantos anos como estátua, só mexendo braço e remo,
De repente os seus olhos, dão aceno, me arrepio,
Sinto que estou liberto, ou estou preso, nessa culpa?
Sinto que estou liberto, ou estou preso, nessa culpa?
Sinto que estou liberto, ou estou preso, nessa culpa?

CORPORIS

adoro a minha casa
mas a ancestralidade
reside no meu corpo.

aquele mesmo
que venho surrando
há mais de sessenta anos.

meu corpo não é santo
é torto e gauche
cabeça tronco e membros.

testa de rampa
olhos estatelados
magro e barrigudinho.

meu corpo
pensando bem
deitado é mais ou menos.

em pé é preguiça lascada
(morri?) ou é só vontade
de não fazer nada

Lorenzo Falcão
"Nasci inexplicavelmente para ser poeta", reconhece Lorenzo Falcão na breve biografia que acompanha "mundo cerrado" (assim mesmo sem maiúsculas por opção do autor). "O cerrado é meu lar e a poesia, o meu mundão sem porteira", conclui o jornalista, que nasceu em Niterói (RJ), mas cresceu em Mato Grosso, "entre barrancos, pedras e sombras", e trabalha há muitos anos como jornalista na área de cultura.

Estou dentro de casa
De mim.
Olho o mundo
E entendo que o que realmente importa
Não importa.
Quando o desamor cobre a cama
Não importa
Quando uma família não tem comida
Não há passeata
Quando um homem e uma mulher são estuprados
Não há panelaço.
Um suicídio
Não acorda os vizinhos.
Velhos morrem
Solitários.
Uma overdose
Não é precedida por abraços.
O essencial é inaudível
Hoje, o estardalhaço me soa tolo
Porque neste 2020 percebi que o essencial se dá no oculto.

Luciene Carvalho
A escritora é corumbaense, vive em Cuiabá, no Estado de Mato Grosso/BRASIL - desde 1974 - tendo já recebido o título de cidadã cuiabana. É membro da Academia Mato-Grossense de Letras/AML. Entre as obras poéticas publicadas, citamos: Aquelarre (2007); Insânia (2009); Ladra de Flores (2012) e Dona (2018).

AS PALAVRAS

Pois bem, agora vejo
Com que número assustador
de palavras coabitamos
variadas, sedentas, famintas
meio que roçando a língua
meio que roçando a alma
feito cães rondando o dono
o dono que os abastece
com alma e vida.

Lucinda Nogueira Persona
É escritora, poeta, professora e membro da Academia Mato-grossense de Letras. Nasceu em Arapongas, PR, e vive em Cuiabá, MT. Estreou na poesia em 1995 com o livro Por imenso gosto. Publicou, entre outros: **Ser cotidiano** (1998), **Sopa escaldante** (2001), **Leito de Acaso** (2004), **Tempo comum** (2009), **Entre uma noite e outra** (2014) e **O passo do instante** (2019).

TRÉPLICA A "DESBRAVADOR" DE E. MAHON

(Pixé 21 - dezembro de 2020)

Pode ser
Que a certeza da vida longa
Deixe-me solto em nenhum lugar por aí
E conduza-me a labirintos sem gente
Sem perfumes
Nem cores
Nem sons

Pode ainda ser
Que a certeza do porto seguro
Faça-me preso nalgum lugar por aí
E torne-me um náufrago sem gente
Sem perfumes
Nem cores
Nem sons

Pode até mesmo ser
Que a certeza dos braços abertos
Leve-me ao conforto dalgum doce lar por aí
E traga-me sorrisos e abraços e comidas quentes com gente
Com perfumes
E cores
E sons

Contudo também pode ser
Que se há certeza na certeza de Baudelaire
Que le parfums, les couleurs et les sons se répondent
Então que as veredas virgens e rumos incertos
Reconduzam-me a beijos e leitos perfumados e coloridos
Com o aperto dos abraços e os sons dos sorrisos
Com o sabor das comidas e vinhos dos deuses
E hei de sentir e experimentar
Que não há solidão
Nem lugar longe demais
Se há gente comme moi
Nalgum lugar por aí
Avec moi aussi

Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida
É doutor e livre docente, professor titular e pesquisador da Universidade de São Paulo-USP de onde é, atualmente, chefe do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas.

o primeiro homem que amei
foi meu pai - seu cabelo ondulado
seu relógio no pulso seus braços
carregados de força e sujeição
outros vieram, porém
: o chefe do trabalho que
morreu com um tiro na cara
: o pintor de rua que morreu
de infarto
: o pai de uma ex-namorada
hoje meu grande amigo
amei-os pelos homens que eram
mas eram apenas homens
o último homem que amei
foi meu pai - seu olhar de terror
e graça, sua voz comida pelo câncer,
nossa eterna conversa feita de
olhares, calares
amor e fumaça.

retirar do poema a palavra pai
e construir com outras palavras
outros poemas - assim o pai não
perde o sono e não me olha
como se pedisse afogamento.
retirar do poema a palavra pai
e substituir por outras: vento,
fogo, foto, circo, relógio dourado.
retirar do poeta a palavra pai
para deixar no lugar a areia fina
duma praia baiana, o encontro
das águas dos rios amazônicos,
a tristeza-neblina do rio de janeiro.
retirar do poema a palavra pai
e deixar em branco o poema
retirar palavra por palavra
assim o pai dorme direito e não
me olha como se pedisse água
: o copo nas mãos e a dúvida.
retirar do poema também a palavra
dúvida.
retornar à folha em branco,
ao início repentino de tudo,
ao fim que soa sempre a
reencontro.
retirar do pai a palavra poema
: talvez seja esse o procedimento
mais justo.

Marcelo Labes
(1984) É natural de Blumenau e reside em Florianópolis-SC. É autor, dos romances Três porcos (Caiaponte, 2020) e Paraízo-Paraguay (Caiaponte, 2019) e dos poemas de Enclave (Patuá, 2018).

PRIMITIVA

meus ossos minerais
carregam várias mulheres
sinto-as todas
(antigas e constantes)
sobre a coluna cervical

(aguente firme, diz uma tia-avó
é melhor não se envolver, diz outra)

são tantas mulheres
em meus ossos paleolíticos
tantos detritos
tantas noites em claro
tantos partos e perdas
o leite empedrado no seio
de todas elas em mim

no fundo escuro da caverna
eu (primitiva e extenuada)
ainda afago os cabelos
de minha bisavó
(e às vezes choro um pouco)

Marli Walker
É Doutora em Literatura (UnB). Leciona no IFMT e integra o Coletivo Literário Maria Taquara/Mulherio das Letras - MT. Publicou os livros de poesia “Pó de serra” (2006/2017), “Águas de encantação” (2009), “Apesar do amor” (2016), Jardim de ossos (2020) e o romance “Coração Madeira” (2020).

Marta Cocco
Marta nasceu em 18/09/66 em Pinhal Grande-RS, veio para Mato Grosso em 1992 e atualmente reside em Tangará da Serra. É professora de Literaturas da Língua Portuguesa da UNEMAT, Doutora em Letras e Linguística, membro da AML e autora de 11 livros.

PRESENTE

Quando ia chegando o dia de Natal
meu coraçãozinho já entrava em estado de júbilo.
Todo dia manhãzinha eu azucrinava a mãe.
— É hoje que a gente vai montar o presépio?

Daí a mãe chamava o mano e mandava buscar barba de pau lá no mato.
— Eu quero ir junto!
E ia.
A mãe mandava os maiores cortar galho de pinheiro.
Eu achava que era mais bonito cortar um pinheirinho pequeno porque era uma arvorezinha. O galho ficava meio torto, não era a mesma coisa. Mas o pai não deixava.
— Depois quem vai dar pinhão pras 'graias' e pra gente?
Na hora de colocar os enfeites, a mãe chamava a irmã. Se ela estivesse longe, não ouvia, mesmo com aparelho, então eu corria chamar.
Ela é prestimosa, dizia a mãe.
Eu sabia que significava que ela tinha jeito pra deixar as coisas bonitas.
— Mas o presépio quem arruma é eu.
Eu sabia o lugar:
primeiro, o menino Jesus.
Do lado direito a mãe,
do lado esquerdo o pai.
Mais prum lado a vaca, o burro e mais por fora as ovelhinhas e os pastores.
Eu amava os cordeirinhos, meu Deus, tão fofinhos! E o Jesuzinho com aqueles bracinhos abertos? Que amor era aquele?
As bolinhas quem colocava era a irmã ou a mãe. Porque eu podia quebrar. O anjinho era lá em cima do galho ou pendurado de um jeito que parecesse que ele estava voando. Eu já queria por logo os 3 reis magos pro presépio ficar mais cheio, mas a mãe dizia:
— só no dia 6.
Naquela época não tinha luzinha, nem energia elétrica.
Eu esperava ansiosa a véspera do dia. Porque as irmãs mais velhas vinham com meus sobrinhos que eram praticamente da minha idade. E eu teria com quem brincar. E a irmã mais velha sempre trazia brinquedos que ela não iria vender no supermercado porque tinha alguma pecinha faltando, algum defeitinho.
Uma hora muito boa era a de cantar ao redor do presépio. Todo mundo cantava com vozes diferentes. Eu gostava de "Oh vinde, adoremos!"
Teve uma vez, no dia seguinte, eu peguei os brinquedos que tinha ganhado e levei lá na casa da Fia e reparti com as crianças, porque a Dona Olga tinha ensinado que no Natal a gente tinha que fazer uma boa ação. Eu pensava que aquilo era boa ação. Meu irmão ria, achava eu boba.
Agora não tem mais graça.
O pai morreu.
A mãe morreu.
A irmã mais velha morreu.
A segunda mais velha está tão doente que nem fala direito.
Os outros estão longe, às vezes até no pensamento.
A lonjura do pensamento de vez em quando dá briga.
Eu nem monto árvore de natal e presépio porque meu filho não é mais criança e quase não sobra tempo e o tempo dentro da cabeça tá ansioso com resultados de exames.
Presentes não faltam. Mas cada um já diz logo o que quer, então não tem muita graça.
Tudo o que eu queria era voltar por algumas horas no tempo.
Ou que meu filho fosse pequeno de novo. A mesma coisa diz o pai dele.
Natal com criança em casa tem mais graça. Não sei. Parece que elas têm alguma coisa que lembra o Jesuzinho!

Nathalia Campos
Mineira de Belo Horizonte. Escritora, doutora em Letras pela UFMG, professora e revisora. É autora de Desinifinito (Patuá, 2017) e O guru da Lopes Chaves (Nea-Edições, 2016), com publicações em antologias e periódicos, nacionais e internacionais. Está entre os doze novos poetas brasileiros contemplados na antologia bilíngue Inventar la felicidade – Muestra de la poesía brasileña reciente (Vallejo & Co., 2016), organizada por Fabrício Marques e Tarso de Melo. É colunista do site Homo Literatus (https://homoliteratus.com/).

EPIDEMÍSTOLAS

(da série de cartas sem destinatário de uma quarentenada)

Alô, querida!

Como vamos?

A loucura já é um bem universal por aí? Por aqui, positivo. Ela é a única com liberdade de ir e vir, pra cima e pra baixo. Despaisou o mundo. Às vezes ela me olha nos olhos, querendo se encostar, pegar amizade. Até o momento, me fiz de desentendida. Ou então apago a luz.

O ar viroso diz que nunca houve tanta graça em ir lá fora, cê não acha? Em compensação, de repente, ficou verdade aquela música do Pink Floyd, "Wish you were here": cada um tem papel principal na sua cela. Só não é mais questão de escolha. Nem ganhar guerra nem descobrir penicilina, ser herói está em liquidação: acordar às 11 horas todo dia *c'est tout ce qu'il fault* para ser heráldico na história.

Mas eu também sei que liberdade ganhou outro uso, que imprime outra imagem: um pasto difícil daquelas leituras e vazios que (sempre) quisemos, onde vai subindo o mato das contas não pagas, infestado de gafanhotos digitais, ao som do 4'33 de John Cage.

Topei com minha vizinha de porta hoje de manhã, com a unha pintada de vermelho. Achei de uma dignidade absurda. Coisa assim como um retrato da vaidade feminina em versão ascética. Invejável.

Você já parou pra pensar como, pela primeira vez, dá pra alcançar o mundo todinho – de Varginha a Vladivostok – no som de uma palavra? "Muuuuuuuundo" (as palmas das duas mãos se enganchando num redondo perfeito). Esse caso raro de justiça sígnica me abre o apetite, e por isso resolvo te escrever. Uma carta, veja bem, coisa tão fora de moda. Eu me explico. Outro dia eu li que a medicina ayurvédica aconselha que se comece a comer pelos alimentos naturalmente adocicados. Pois bem, as cartas são, pra escrita, como os doces; elas criam uma salivação favorável à *pièce de résistance*, que, com fé, há de vir. E, se não vier, ninguém vai duvidar da minha desambição, do descompromisso dessas linhas, o que também me pintará com a luz de uma certa virtude. Em todo caso, há lucro.

A grandeza ronda. Na carta ainda há perigo, mas um perigo controlado. É como caminhar dentro de uma mata convenientemente localizada no fundo do quintal, ou entrar numa piscina onde se vê bem o fundo. Tanta gente adorou se encher desse ânimo que as cartas injetam, de Rimbaud a Mário. Outros escreviam diário, que é como a carta, só que com um destinatário mais borrado: Woolf, Mansfield, Plath. Tanto um quanto a outra orbitam pela questão do não escrever, ora servindo de antídoto contra a falta de inspiração, ora de festa da autocomiseração, ora de subterfúgio para evitar a própria escrita. "Bem ou mal", sente o escritor, "estou vivendo das minhas próprias palavras". Minhas palavras, minhas regras.

É o *phármakon*, que cura com o veneno. Escrevo-porque-não-escrevo-para-não-escrever-para--enfim-escrever.

No geral, as palavras me exigem decisões rápidas e definitivas demais, você sabe, ossos do ofício, e eu francamente não tenho maturidade pra isso. Bom mesmo é brincar de existir alienada delas, fingindo que são só uma utilidade indiferente (apesar de sempre disponível), como uma faca ou um automóvel. Palavras respondem melhor e com mais doçura aos amadores. Amadores são diferentes de impostores, concorda, na pretensão. A pretensão é uma coisa sempre tensa, rédea curta. Carta é o álibi perfeito. Muito convincente, antes de tudo, para o remetente.

Isso sem contar que cartas são *off-topic*, ou, seria melhor dizer, *topic-free*? Fazem qualquer um parecer interessante, porque caiu na rede é peixe: o potencial de glosa é ilimitado, o que significa que o assunto nunca acaba. A parte do destinatário no pacto é sorrir em anuência, porque logo os papéis giram, e analista anda muito caro.

Corte abrupto, porque já vou fazendo narrativa e não quero estragar minha licença.

Por aqui, o tempo está sem data. Comprido, mas sem duração. Dias que acabam, sem virar memória. Quero dizer, duração é memória, né. O que chamo de dias é o que o restou de uma convenção de linguagem, pra falar do dia depois do outro com a noite no meio. Ocupar um tempo sem porções, valores – minutos, horas, dias, meses – é como jogar baralho com cartas sem naipe. Sem posicionamento diante do acaso, sem estratégia, mas também sempre contratempos. É um pouco como voltar a ser criança, quando a gente não sabia quando chegava o carnaval, o Natal e o aniversário, nem quando já era "depois de amanhã".

Estamos no recreio.

O recreio é o limbo, no seu melhor sentido. Um lugar no meio, na margem, antes do pecado e da virtude, reservado a quem não escolhe um lado de ação. Nosso caso é defensável: as frentes de ação estão, quase todas, suspensas. Música é pausa, mas e quando é só pausa – conta como música? A qualidade da tinta que se deixa na partitura do silêncio decide quem merece o céu e quem merece o inferno. Uma vez no papel, não há borracha. A última palavra é a sentença, como a nota do professor. Mas e se a gente não escreve nada, sem a desculpa da dúvida ou da inércia, mas com a legitimidade do interlúdio? Vai pro limbo. É onde estamos: na partitura em branco. Estranhamente, não é ruim; é quase beatífico.

Esses dias, meu lugar preferido tem sido a área de serviço, onde se lavam na sombra as roupas de baixo, pijamas e camisetas de remotas eleições. Me demoro pensando em como o varal rende uma estranha metáfora dessa vida pendente. As roupas descansando, assim, suspensas, os pulmões vazios, me fazem pensar no quanto é bom não estar em lugar nenhum, em poder ser *ninguém*, pra variar.

Taí. O lugar mais provisório da casa é também o de um assentamento: a pausa molhada, que costuma ser sinônimo de inconveniência, é a nossa melhor promessa de que a brincadeira, uma hora ou outra, começa de novo.

Wish you were here,

Justine

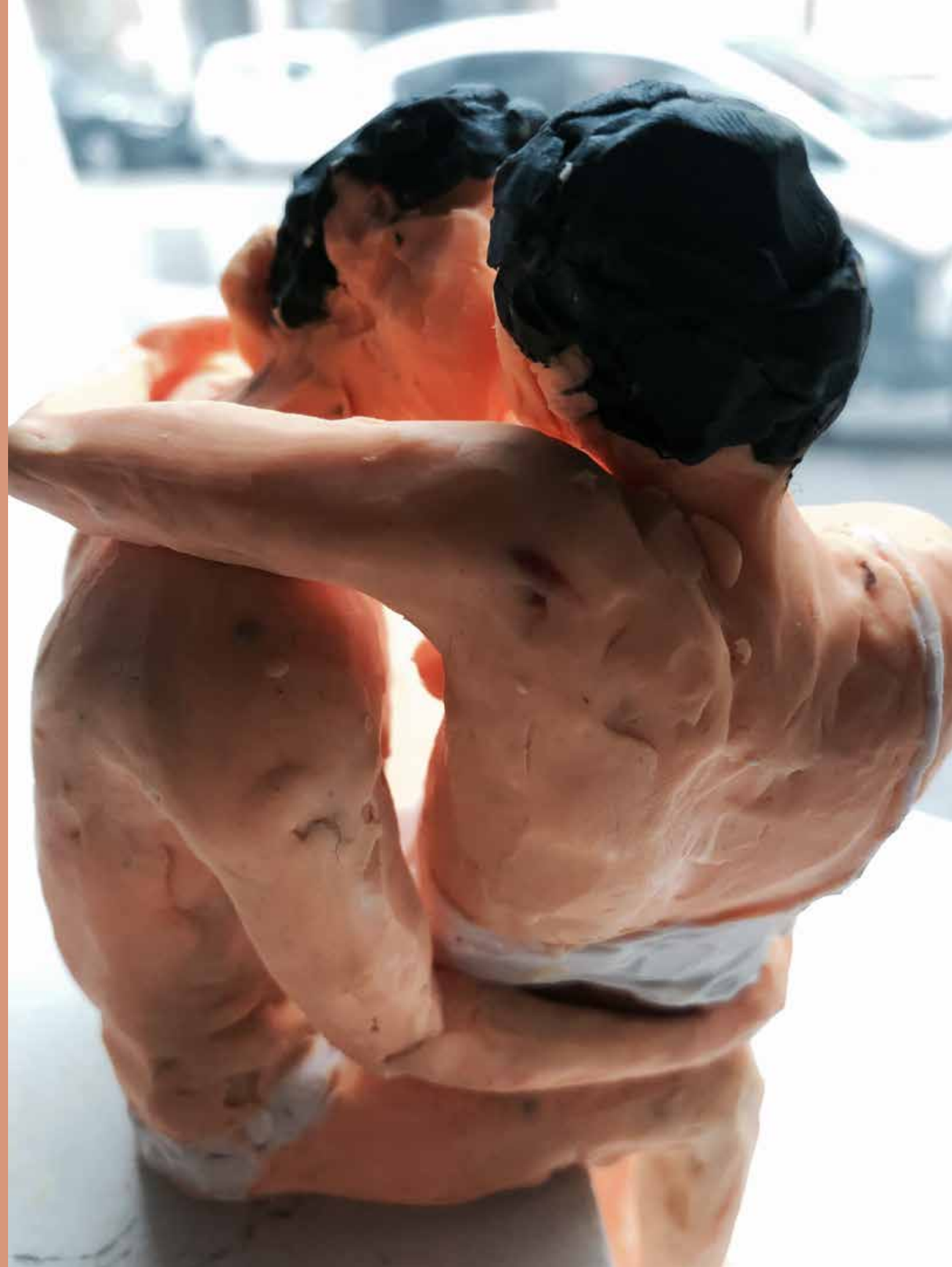
P.S.: Tremi de chiqueza ao me dar conta de que inauguramos os anos 20 do século 21! Já temos algo em comum com Hemingway, Gertrude Stein, Fitzgerald e cia. A coincidência me faz pensar em como já somos antigos.

moça suburbana
pela vidraça ela traça
planos subversivos

vazia a rua, a lua
cheia de palavras vãs:
um coral de rãs

perdas nos caminhos
por onde vamos
encontramo-nos sozinhos

Odair de Morais
(Ôda), cuiabano, autor de Contos Comprimidos (Multifoco, 2016) e do volume de haicais Instante Pictórico (Carlini & Caniato, 2017).



Paulo Sesar Pimentel
Natural de Mato Grosso do Sul, mas residente em Mato Grosso há mais de 20 anos. Graduado em Letras, Mestre em Estudos de Linguagem e Doutor em Psicologia, é professor do IFMT Campus Cuiabá – Bela Vista. Publicou as coletâneas de contos "O cão sem penas" (2014), "Diário de Uma Quase" (2010), "Café com Formigas" (2005) e "Ângulo Bi" (2002 - com outros autores mato-grossenses).

SEM RECEITA

- Com cuidado, porra!

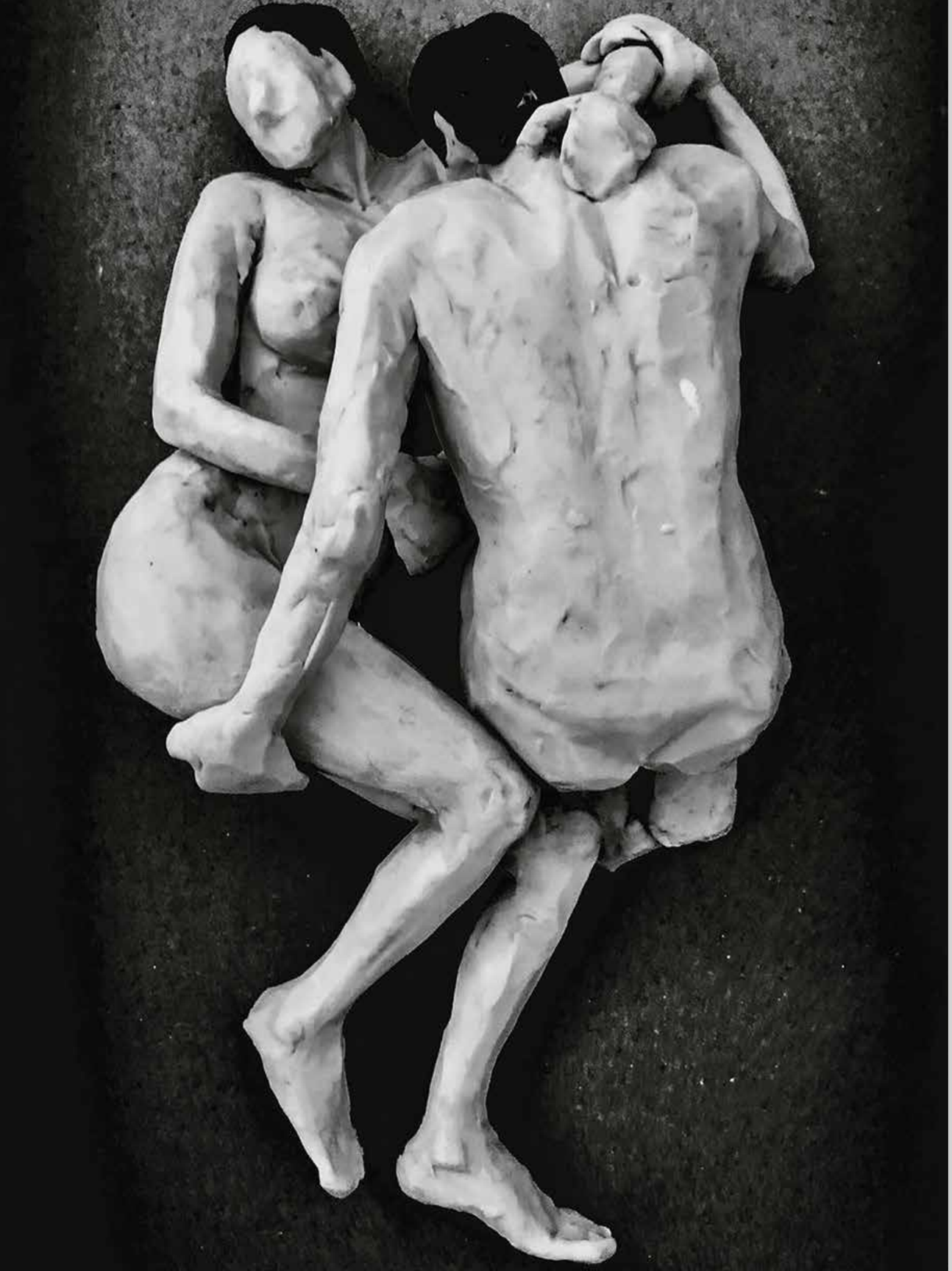
O cuidador, acostumado aos rompantes de fúria, ignorou o grito rouco e anasalado, o xingamento, o humor – sempre ruim, o cheiro azedo e ardido, as secreções e continuou a passar o pano levemente umedecido nas costas escareadas do paciente.

- Você não serve nem pra tratar porcos!

Na rotina, repetida a cada dois dias – ou três, ou quatro, ou semanalmente, a depender do fluxo na casa, o cuidador era o único que tinha paciência para continuar a esfregar o tecido, que deveria ser mais macio, na pele marcada pela vida e pela morte. Apenas este cuidador não dava um chacoalhão – e uns tapas, de vez em quando – no homem idoso, doente, malcheiroso e sempre de mal-humor. Não se sabe se o que ele ganhara em vida, se vivera com este gênio, mas, agora, às portas de uma passagem de quinta classe para o outro mundo, ao menos um cubículo só para si ele tinha. Ninguém o suportava, nem individualmente, nem no convívio.

- Você não é o primeiro que tenta me matar.

Cheiravam muito mal as feridas, que tomavam o corpo como descobridoras de uma terra já devastada: as gengivas, secas e duras, às vezes, se abriam em feridas, que se esparramavam pela língua; a cabeça, com tufos irregulares de cabelos esparsos, cobriam-se de cascas, coçadas com frenesi, sem nunca realmente cicatrizar; o torço, marcado por furúnculos, protuberantes e purulentos, eram um espelho das costas, onde faltava pele e se via um rosáceo de carne doente, profundo até quase os ossos – e como reflexo, jorrava um líquido de ambos os lados, de frente e de trás, como uma terra que insiste em se umidificar.



- Sou eu que mando e exijo respeito, seu merda!

Suas unhas estavam lascadas e, por isso, mas nem só por isso, abriam vales ao coçar. As dificuldades em se levantar os braços, faziam com que as pernas fossem o principal alvo de uma raiva contínua: eram riscadas em tons que iam do vermelho vivo ao preto coagulado, numa inconstância acentuada pelas saltadas veias violáceas. Um dos pés fora amputado e o outro, com apenas três dedos, para nada oferecia sustentação.

- No exército, eu te colocaria para limpar privadas, seu imbecil.

O trabalho durava uns vinte minutos. Dezessete, cronometrados, se o cuidador conseguisse não se afetar pelos impropérios. Não havia prescrições de remédios para tratar aquele corpo. Não havia cura. O que o mantinha vivo era um rancor sempre presente. Força mesmo o acamado já não tinha. A língua, contudo, a despeito de toda a aposentaria do corpo, permanecia ativa, ainda que levemente presa, correndo entre as feridas e, surpreendentemente, colocando o diafragma para produzir ar, cada vez mais ar, transformado em ódio e saliva pútrida a voz fanhosa.

- Verme, cretino, comunista, traidor, bandido, bicha...

O problema – dentre toda a família de outras questões que remontavam à infância – era a genitália. Morta, mas ainda presa ao corpo, era ela também purulenta. Os testículos, inchados numa pele retorcida, com pelos inconstantes e, ora fartos, ora falhos, ensebados, apesar da limpeza, gerariam surpresa, se soubéssemos de sua ação na produção, outrora, de rebentos – nunca aparecera ninguém para visitá-lo. Todas as vezes em que se precisava limpá-los, havia uma gama infindável de ofensas, acusações e, ao final, choro.

- Viado, boiola, baitola, pederasta, chupador...

E lágrimas. Depois de uma gama de tentativas de ofensas, um gemido constante e contido, acompanhado de uma vergonha imensa, paradoxal ao pequeno membro inútil, era seguido por um silêncio e uma resignação, que pairava sobre o ambiente. Nesta hora, o cuidador conseguia terminar o serviço, indubitavelmente, o pior que ele já executara. Naquele corpo, para além das marcas, feridas e secreções, havia um desejo que fora morto e, agora, putrefava.

Vez ou outra, já recolocando a camisola encardida nas carnes flácidas, o cuidador se atentava para uma fala baixa, sussurrada, quase que gemida, talvez delírio, talvez reminiscências, que jamais poderiam ser recuperadas. Aquele homem, esquecido naquele quarto, posto para morrer – e insistindo, inutilmente em lutar, sem parentes, sem registros, sem o amor de outros homens, só poderia se amparar, para além da amargura, em lembranças com as quais, quem o conhecera antes, provavelmente, já se esquecera ou fazia questão de apagar de qualquer livro da história.

- Eu fui importante, eu fui...

Ele se virava de lado. Sem receitas para lidar com a dor de quem era, de quem fora, ele novamente gemia um choro. A camisola, recém posta, já apresentava marcas molhadas da humanidade em fuga. Em alguns pontos, o tecido já começava a, novamente, grudar à pele ausente e compor as feridas em crescimento. Nesta hora, e apenas nela, havia um brilho, quem sabe de esperanças, talvez de apenas entrega e aceitação:

- Com a morte a gente paga todas as dívidas.

Finalmente, sua língua afiada e cruel, ainda que presa e carregada de um sotaque quase fanho, produzindo, não mais facas, mas pequenos estilhaços, assentava-se no ninho de feridas, que nem os lábios finos conseguiam mais conter, e, na esperança, último refúgio dos canalhas, ele dormia, sem remédios para sua dor, sentida e causada. Seu sonho era perturbado e doído, cruel e inconstante, como fora sua vida, como ficara registrada a história, como ele não queria que fosse sua morte.

Raquel Naveira
É escritora, professora universitária, crítica literária, Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo, autora de vários livros de poemas, ensaios, romance e infanto-juvenis. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (onde exerce atualmente o cargo de vice-presidente) e ao PEN Clube do Brasil.

TAÇAS

O antigo móvel envidraçado da sala guarda ainda um conjunto de taças de cristal. São lindas essas copas! Algumas maiores, bojudas, outras compridas e altas. Transparentes, de areia e chumbo diluídos, soltam um som agudo ao estalar dos dedos. O desenho impresso nessa matéria delicada é o de uma flor de lótus, um lírio aquático de oito harmoniosas pétalas. Taças prontas para receber vinhos e espumantes.

Limpo cada uma delas com um pano de linho branco encharcado de álcool. Acaricio como se fosse derramar em cada recipiente algum elixir que provocasse revelações. Como se fossem cálices preparados para a comunhão na adoração e no amor.

Foi assim no dia de nosso casamento. Bebemos da mesma taça, do mesmo destino. Juramos fidelidade. Acreditamos em bênção, em união e sacrifício. Havia um plano de salvação para nós e era perfeito. Brindamos com champanhe e magia.

No futuro, que está por vir, anjos descerão à Terra com taças douradas, cada uma delas contendo a ira de Deus. A primeira despejará um líquido ácido, que fará com que se abram feridas naqueles que estiverem marcados pela culpa de seus assassinatos. A segunda transformará o mar em sangue, as criaturas marítimas mergulhadas em ondas de petróleo, os estômagos repletos de plástico. A terceira tingirá os rios e as fontes doces, onde o fogo já lambeu os biomas, destruiu os pássaros nos ninhos e os ovos de tartarugas e jacarés. A quarta atingirá o sol, que desprenderá raios de fogo vermelhos e violetas, petrificando os seres viventes de medo e pavor, enquanto ardem espalhando cinzas. A quinta atingirá o centro diabólico do governo, as cadeiras onde se assentam os mandantes de um mundo escuro e agônico. A sexta secará as trilhas do Oriente, por onde marcharão reis, profetas e califas conduzidos a um vale, a um cenário de guerra nuclear e explosiva. Da sétima taça brotarão relâmpagos, trovões e um terremoto fracionará as cidades, as nações, as ilhas, as montanhas, em mil pedaços de granizo que cairão como chuva.

Numa superfície gelada, de vidro, anjos e homens cantarão agradecendo os atos de justiça. Esses homens, subitamente, terão corpos capazes de atravessar paredes; de viajar no espaço por sobre as bocas dos vulcões; de se alimentar de peixes prateados, ao redor de fogueiras acesas na memória.

Quem nesse momento continuará se rebelando, desprezando tão altos desígnios? Quem desejará a aflição no meio de uma natureza destruída, contaminada pelos nevoeiros de peste e infecção? Só mesmo as feras, os loucos, os de coração mais duro que as penhas.

Guardo uma a uma as taças na cristaleira. Uma estranha intuição me diz que os anjos se aproximam, num ruflar de asas. Sinto uma dor fina. Meu coração tine como uma taça no peito.

PROSPERINA

I walk the line set by the greats
descend into the gardens of hell
bite the pomegranate
I pass through the gate
I pass through the gate

Mother denies what humanity wants
blooming flowers plentiful crops
she cries out my name
I pass through the gate
I pass through the gate

I answer to my mother's call
and bring back the spring
but I have passed through the gate
and of winter, too
I shall be queen.

PROSPERINA

Eu sigo os passos dos grandes
desço aos jardins do inferno
mordo a romã
eu atravesso o portal
eu atravesso o portal

Minha mãe nega os desejos da humanidade
flores desabrochando colheitas abundantes
ela chora pelo meu nome
eu atravesso o portal
eu atravesso o portal

Eu atendo ao chamado de minha mãe
e trago de volta a primavera
mas eu atravessei o portal
e do inverno, também
serei rainha.

Stéfanie Sande
É escritora e doutoranda em escrita criativa na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

VIDA ÍNTIMA DA MOSCA

Mosca robusta, bernera,
atacando os bois.
Olho maior que a barriga.

O VELHO E A FLOR

A velha canção de Vinicius nos lábios, um assovio hesitante e vadio. Sem grandes planos para aquela noite. E para o resto da vida.

Thiago Costa
É historiador. Faz doutorado em Estética e História da Arte pela USP. Autor de "O Brasil pitoresco de J.B. Debret ou Debret, artista-viajante" (RJ, 2016) e organizador – ao lado de Ariadne Marinho – de "O jardineiro de Napoleão. Alexander von Humboldt e as imagens de um Brasil/América (sécs. XVIII e XIX)" (Curitiba, 2019). Docente do IFMT – *campus* Fronteira Oeste/Pontes e Lacerda.

HALUHALUNEKISU, A ÁRVORE DO SABER

Anna Maria Ribeiro Costa
É doutora em História pela UFPE e Professora do Univag. Chegou às terras do povo indígena Nambiquara na Primavera de 1982. Dos índios recebeu o nome Alusu, por conta de seus hábitos alimentares. Nessas terras, conheceu José Eduardo, com quem tem dois filhos: Theo e Loyuá. Vem se dedicando aos estudos sobre os povos indígenas de Mato Grosso, com especial atenção ao Nambiquara.

RECLUSÃO DA MENINA-MOÇA

Vem do tempo mítico, aquele que não se conta, o hábito de reclusão da menina-moça quando ocorre a menarca. Na aldeia, mãe e filha não se entendiam. Preguiçosa, avessa aos afazeres domésticos, nada fazia com que a menina atendesse aos apelos da mãe em acompanha-la ao córrego para pegar água, lenha na mata, tubérculos na roça. Gostava mesmo era de ficar deitada, ao redor da fogo, a observar a movimentação do dia.

Enfezada, a mãe resolveu castigar severamente a filha. Prendeu a menina em uma casa de palha, só para ela. Por vários dias, muitas vezes, entrava na casa para dar banho na filha. Nem bem o corpo secava, outro banho, outro banho, outro banho... O corpo não dava conta de esquentar. A mãe continuava a dar banho na filha que, aos prantos, queixava-se de frio. Depois de algum tempo, a casa em silêncio chamou a malvada mãe. Lá estava sem vida o corpo da menina.

Foi a partir desse fato que o povo Nambiquara decidiu prender quando ficassem menstruadas pela primeira vez. Mas, diferentemente, a reclusão não levava-as à morte. Com uma casa específica para essa finalidade, a menina em reclusão recebe tratamento cordial, boa comida, bons conselhos para a vida de mulher adulta. Nesse espaço, a jovem permanece por um período de uma lua, apenas se ausentando ao entardecer para participar das festividades, quando dançará, de mãos dadas, entre seus padrinhos, os escolhidos para acompanharem-na durante a comemoração. O tucano, ***yalansu***, de plumagem excepcional, foi o criador do ritual. A fim de trazer alegria à aldeia, ordenou ao pajé que se responsabilizasse pela grande festa. Para isso, ensinou-lhe cantos e a confecção de adornos para vestir com belezura a menina. Todos acreditam que a festividade traz boa saúde à homenageada.

PIÉ

REVISTA LITERÁRIA